Voz de S. Antonio

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII pelo Ex.mo Ordinario e varios Prelados.

N.º 10

OUTUBRO
SÉRIE 4.ª
8.º anno

Gautier

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO: — *Morte do Zola (!!!) — Lagrimas inconscientes dos chorões da imprensa. — Zola não merece o nosso pranto, mas o anathema dos homens de vergonha.*

Hoje não podemos levar a conversa a rir. Os meus collegas da imprensa trajam pesado luto, choram inconsolaveis, lagremejam sem consolo, e a etiqueta pede que em pesames sejamos breves, e entre lagremejantes serios, e como d'essa coisa de cerimonial de bom tom tambem ha cá por Braga alguns rudimentos elementares o *Chronista da Voz* tem que fingir seriedade, compaixão e tristeza.

— Então o que houve? Ora o que havia de haver leitor... oiçam os meus vizinhos que eu nem me atrevo a contar.

«Grito de dôr, grito dilacerante veio de longe annunciar a morte de Emilio Zola, o grande romancista, talento incommensuravel de escriptor que na questão de Dreyfus, o desterrado da ilha do Diabo, levantou a sua causa, triumphando da guerra atroz que o mundo inteiro ia vendo em derrocada por as fórtes granadas d'esse prodigioso cerebro a espargir luz — luz abençoada de Deus! — sobre a iniquidade dos homens que ás vezes julgam a innocencia.»

Outro vizinho chora assim:

«Morreu Zola.

A morte d'este grande romancista foi uma perda enorme para todo o mundo. Além do seu incomparavel talento de escriptor, elle tinha uma alma encantadoramente boa e justa e que bem demonstrou n'essa sympathica cruzada a favor de Dreyfus, o desterrado da ilha do Diabo, desprezando e triumphando da guerra atroz que lhe moveram.»

Um amigo de Villa do Conde pranteava-se assim em columna e meia de discurso funebre:

«Todo o mundo intellectual vibra ainda na brusca e commovedora surpreza em que o lançou a morte de Zola. Comprehende-se A sua figura dominadora erguera-se n'um tão brilhante destaque de luz, tão poderosamente se firmara a sua hegemonia nos dominios do espirito e do pensamento, por tal fórma elle soubera prender e attrahir-se como n'um deslumbramento, todos os olhares que mergulhavam na contemplação de um futuro ideal, e arrastar, n'uma onda irreprimivel de calorosa sympathia todos os corações esmagados pela mole pesada de preconceitos, que elle feria com a rudeza e a coragem d'um belluario glorioso, que a sua morte se affigura como que o rebate falso d'uma catastrophe impossivel.....

Porque era um bom, na mais larga comprehensão do termo, esse homem que vinha sacrificar o seu nome, a sua gloria, os seus haveres, a sua tranquilidade á defesa d'um innocente que o odio d'uma facção deshonrava e matava n'uma lenta agonia: porque era um bom, sem duvida, esse gigante que um alto amor da Verdade e da Justiça transfigurava e que ao rebate d'uma iniquidade tremenda viera, olhos coriscantes...»

Um collega algaravio consagrava um numero inteiro a memoria do extincto.

No meio de tanta lamuria, de lagrimas tantas, não ha remedio senão chorar ou antes fingir choro. Mas como nas lagrimas, segundo intendo eu, deve haver tambem economia vamos pesquisar as causas de tantos prantos, se as ha. Eu cá admitto a philosophia das lagrimas: chorar por chorar é só de creanças.

Vamos á these.

Terá a imprensa razão para chorar assim com tanta agua de olhos o escriptor Zola?

Se Zola foi um benemerito para a sociedade, *um bom na mais larga comprehensão do termo*, como dizia ainda agora um collega, sim senhor, são muito justas as razões para chorar, ainda que de um modo mais de homem; mas d'isso é que eu duvido e tenho cá os meus porquês e commigo está muito boa gente, praticia e estrangeira.

— Mas não foi Zola um talento exorbitante, peregrino, incomparavel, supra-excelso, agudo, desmarcado, lucido, pujançoso, grande?

Sim senhor, tudo isso.

— E então um talento d'estes calibres não nos merece sympathia, amor, e lagrimas a sua morte?

Não.

Ora digam-me: o que nos merece a flôr pelas côres aveludadas das petalas! a ave o que nos merece pelos seus trinados, o regato pelos seus murmurios, o arvoredo pelas suas louçanias?

Nada, porque são dadivas do Creador que a creatura recebe inconscientemente.

E o talento não é tambem uma dadiva liberrima da Providencia, como a belleza e as graças da flôr?

— Por esse raciocinio então os grandes genios que todos os historiadores admiram nada valem para o Chronista da «Voz»?

Valem e muito.

— Então como se intende?

Ora vejam se me pódem perceber porque hoje estou muito falto de maré para philosophar.

E' só pelo trabalho que o homem póde ser um benemerito para a sociedade; esta virtude é a unica fonte de meritos para elle O individuo que não trabalha, não merece nada da parte dos seus similhantes. Ora o talento por mais agudo que seja não passa d'uma potencia, de uma dadiva gratuita de Deus, que póde ficar inactiva pela incuria do individuo. Por si só pois os grandes talentos nada nos merecem.

Supponde um talento muito superior a Zola, mas que não se serviu d'elle, que o não cultivou, nem o applicou em proveito da humanidade. Que mereceria d'esta? Não ha tantos d'estes grandes talentos por esses campos agarrados a uma enchada e que pela falta de meios não poderam trabalhar em campo proprio aos seus dotes, não os ha tambem nos palacios das familias riquissimas que por não necessitarem de fazer fortuna ficam na inercia? E que merecem estes da sociedade?

Camões mereceu do mundo o amôr, a dedicação, a coroa de poeta, dos genios, e porquê? porque escreveu os Lusiadas. E se os não escrevera seria hoje lembrado? Não. E deixaria de ser o talento que era se não publicara aquelle poema?

Vasco da Gama, Colombo, Cabral se preferissem a tranquilidade do lar, ás procelas do oceano, deixariam de ser os genios dos mares? Não. Mas se privassem a sua prosteridade das descobertas que desvendaram ao mundo que mereciam d'elle?

E' certo: os talentos por si só nada merecem da sociedade; é necessario trabalhar em beneficio d'ella para lhe conquistar o diploma de merito.

— E' verdade. Mas Zola, cujo talento de escriptor é incontestavel, trabalhou e muitissimo para a sociedade.

8.º anno — N.º 10 4.ª SERIE Outubro — 1902

Voz de S. Antonio

Redacção e administração — Braga

SUMMARIO

Ideaes da Egreja.
I Parte — *Secção Doutrinal:* A cura da tuberculose. — Santa Izabel de Hungria.— Espirito de Penitencia.—Indulgencias, etc.
II Parte — *Secção Historica:* A Ordem Terceira de S. Francisco em Aveiro. — Pensamentos. — Anecdotas.
III Parte — *Leituras Amenas:* Não tive tempo!...
IV Parte — *Culto de Santo Antonio:* — O Pão de Santo Antonio em Braga. — Entre-os-Rios. — Marco de Canavezes. — Mezão-Frio. — Coimbra. — Mafra. — Elvas, etc. — — Os cofres. — Movimento da Pia União (novos associados) Recommendações.—Os nossos defuntos.
V Parte — *Secção Scientifico-Litteraria:* As grèves symptoma de decadencia moral. Bibliographia: livros, revistas e jornaes.— As nossas illustrações.
VI Parte — *Chronica Universal:* Roma. — Portugal, etc.
Gravuras: Santa Thereza de Jesus. — Pyramides do Egypto.

Editor—D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal—Augusto Costa & Mattos.

IDEAES DA EGREJA

A Egreja nasceu d'um acto de fé divina como as nações se crearam ao sopro da fé humana. Roma subjugou o mundo á voz d'um oraculo; o Egypto deificou-se ao pé d'uma sphinge e Athenas em face da natureza; mas nem a Grecia, nem o Egypto, nem Roma mediam a sua existencia pela eternidade, porque a sua fé não era divina.

Só o verbo de Deus, lançando as bases do edificio granitico da Egreja, poderia d'antemão, reclamar uma fé, mas fé divina como Elle!

Posto este sublime principio tudo se explica na vida da Egreja. O dogma expressa a fé. A moral reverbéra do dogma. No dogma e na moral assenta a economia christã que é a base de todas as civilisações.

Não é menos transcendente o influxo que recae sobre os individuos. O homem oscilla de continuo entre a consciencia do dever e a incerteza do futuro. O estudo dos livros enche-lhe a alma d'amontoados de erudição, mas não lhe ateia o fogo santo que leva ao heroismo. Só nas sociedades christãs encontra elle cabedaes seguros de informação do caracter. Mas o que são as sociedades christãs senão vastos imperios da fé?

Visando á conquista dos espiritos pela unidade, a Egreja veiu satisfazer as exigencias da vida humana prodigalisando-lhe um ideal que está bem com a sua natureza sociavel. A intelligencia anhela verdade? Mas a verdade assenta nos fundamentos da eternidade quanto á sua origem e nos criterios da fé quanto á sua propagação. A vontade é irrequieta d'amor? Mas o que é o amor senão um crêr delicioso?

Quantas maravilhas nos não surprehendem na efflorescencia d'esta sociedade modelo, ao sopro da fé? Doze *fidos cavalleiros* sustam a corrente accelerada do mundo para a decadencia, e soprando ao grande cadaver do paganismo infundem-lhe vida nova que se vem traduzir admiravelmente na pratica social christã.

Ao abrigo d'um dogma — a immortalidade — grave como Deus, mas ineffavel como as illusões da vida, desfila magestoso o cortejo das virtudes que desafiam em pezo a turba-multa das paixões. A humildade é o passaporte dos filhos de Deus, o heroismo é de lei, ao pé dos potentados defronta-se gigante a figura dos martyres que reclamam do ceu bençãos para o christão e piedade para o algoz!

*
* *

Mas se o sôpro da fé prepara a vida da Egreja, a chamma da caridade completa-a, universalisando-a e unificando-a.

E' isto tão verdade, que a nota dominante das manifestações da Egreja é o amor. A fé illuminando-lhe o berço extrema desde logo o campo da sua acção e imprime-lhe o nobre caracter do sobrenatural: mas a caridade, expansiva como Deus, acerca-o de nós, enlaça-o, consubstancia-o comnosco.

Acossados d'esta chamma divina os conquistadores que o Christo põe á frente de seus exercitos, transpõem montes, sulcam mares, atravessam desertos, e correm o veu mysterioso da eternidade ás turbas sedentas de bem-estar. Paulo golfa torrentes de doutrina nas suas mil excursões apostolicas; Pedro abre os fundamentos da Egreja no coração mesmo do Imperio; o Apostolo do amor expande-se em rasgos de meiguice no seio do particularismo oriental.

Ao passo que a cadeia sacrosanta dos Apostolos se engrossa e reforça com novos lidadores, a exuberancia da Egreja cresce, multiplica-se e ondeia acima do mar revolto das paixões politicas movidas pelo Imperio ou accesas pela heresia.

D'est'arte a uma atmosphera saturada dos miasmas do vicio e do erro succede a aura benefica das virtudes christãs que engrandecem os espiritos e formam os corações. A paciencia reflue da caridade: a mansidão é sua nota caracteristica: a prudencia vive da piedade que é um doce appellido do amor!

E o gentilismo frio como a morte e dissoluto como o prazer resvalla na passagem dos caracteres christãos sem mais renome que o de valente prostituto, e outro monumento que o da abominação da posteridade.

*
* *

Se a fé e o amor reverbéram a sabedoria de Deus e os seus desvellos pela economia da Egreja, as leis porque ella se rege garantem-lhe stabilidade e predispõem o baque do Imperio.

Singela sempre e majestosa em tudo que tem de mais grandioso, a Egreja ostenta-se ainda n'este particular affeiçoada de recordações do passado, quando proclamando o Decalogo livro de vida, allia graciosamente as maravilhas de seu berço com os fulgurantes lampejos do Synai.

Com que espanto não acolheriam um codigo sagrado com tantos seculos, e sellado pela mão de Deus, esses povos fluctuantes á mercê de vis conquistadores, cuja taboa de salvação

era a miseria, e a sensualidade a unica norma da vida?

Tres verdades se nos impõem ahi que nobilitando o homem lhe traçam logar honroso no Pantheon dos seres livres; *Amor filial, Matrimonio, Virgindade.*

*

Em que moldes vasavam as suas gerações os grandes sabios da Grecia, quando defendiam o infanticidio e o preceituavam nas suas leis? Acaso requeria pena tão dura o crime de filhos ignaros amestrados no mal por homens sem caracter nem pudor?

Bem mais sabedora do coração inquieto da juventude, a Egreja inculca-lhe o amor recatado ao pae como manancial de segurança e prosperidade. O coração do jovem é um mar revolto em que as tempestades da alma se desencadeiam inevitavelmente se mão poderosa as não retem e suffóca.

Haja vista a historia lacrimosa do povo Romano em que os Nero, Caracálla e Heliogabalo, rapazes sensatos e filhos respeitosos soubéram aproar a nau da Republica para o mar largo da civilisação!... Quantas virtudes maculadas, quantos caracteres trahidos, quantas decepções pungentes não produziu o halito venenoso d'esses monstros que mediram a vida entre a gargalhada e o pugilato?

Imperio de paz, erguido sobre as ruinas da dissolução pagã, a Egreja ostenta sem ruido os seus heroes, cuja galeria é encimada pelo vulto d'um menino que triumphou do erro e das paixões á sombra da obediencia e do respeito!

*
* *

O amor filial géra os caracteres: o matrimonio perpetua-os.

Aqui rebrilha com novo fulgor a acção maravilhosa da Egreja. Harmonisando admiravelmente a vida material com a vida espiritual dos povos, tolera a fruição modesta da primeira, sem esquecer os transportes ineffaveis da segunda.

Tal é a base do equillibrio intellectual e moral tão almejado nas republicas, e que a Egreja estatue como preceito e divinisa como sacramento.

A primeira resultante do matrimonio é a paz que gera todos os bens sociaes, forma todas as sciencias, inspira todas as artes. As tradições de familia fonte perenne de fixidez de caracter para os interessados, de profundos conhecimentos para o historiador, e dos attractivos da anciedade para o poeta, — são uma sequencia do matrimonio.

A moral lucrou tanto com este ideal quanto havia perdido com o reinado do impudor. Elevando a mulher á sua dignidade nativa, o Christianismo cortou cerce a raiz da escravisação, e, atalhando a onda avassaladora do descaro, fez da esposa o anjo do lar domestico.

Sábia como Deus mas escondida como Elle sob os veus do mysterio, a Egreja predispunha assim o seu triumpho no calado das familias, ao ponto que nos amphitheatros e nos tablados do throno redemoinhava com furia a vertigem do prazer para desfazer-se vergonhosamente aos pés da modestia christã!

*
* *

Que suave pallor não envolve o rosto d'essas heroinas que, á luz baça d'uma lampada das catacumbas, curam o moribundo na hora estrema ou abrem a cova a algum indefesso lidador nas lides christãs?

Pobres de bens mundiaes, ricas porém d'amores tanto mais ineffaveis quanto mais occultos, não as abatem as insomnias curtidas na oração, nem o echo estridulo dos pagãos que ao longe votam ás feras um novo christão, e clamam freneticamente *a leones!*

Se ao depois lhes cabe a vez, e arrastadas para o amphitheatro, são egualadas a meretriz em logares de prostituição, mão occulta lhes véla o pudor, e ellas felizes por amar, vão, no ponto em que lhes espedaçam as visceras, associar-se A'quelle a quem tão fidalgamente deram a mão!

Tal é o espectaculo das virgens christãs na edade aurea do Christianismo. Se o divino Platão sonhasse que deveria elle de realisar-se por sobre a terra, que de transportes não tomariam o seu genio poetico ao expandir-se pelos mundos da Belleza ideal?

A Egreja bem differente dos philosophos e dos poetas, não carece de confugir, para concepções trascendentalistas do optimismo, e exteriorisa no sexo mais fragil a pujança divinal que elles nem sequer lobrigaram em Venos, Urânia e Minerva.

A mulher aqui já não é uma nobre companheira do homem associada com elle por via do amor conjugal: é a mystificação da virtude christã, é um espelho da innocencia e do esplendor celeste que manam a jorros do throno do Cordeiro!

A mythologia antiga delineou alguns traços vagos da virgindade, quando assentou na fronte das Vestaes o reflexo mysterioso da oração e aformoseou o despenhar das correntes com a presença das Nymphas brancas como a agua limpida: bosques floridos a occultar delicias, arroios de prata a accordar prazeres, o ocio e o regalo, ostentam-se ao lado das musas que celebram desvergonhadamente os amores d'esposos ciumentos como Ulysses e Penélope, ou o ardor da volupia de rainhas criminosas como Dido.

A religião, mais grave que as scenas da natureza, e sobretudo mais amiga de nosso coração que os Penates dos Romanos, doutrinou singelamente os povos, mostrando-lhes um Deus Creador filho d'uma pobre mas casta donzella!

Secção doutrinal

CURA DA TUBERCULOSE

O TYSICO era hontem um ilóta na sociedade; condemnado pelo medico, tinha de resignar-se com a sua triste sorte: morrer quasi abandonado.

Hoje não. Todo o mundo está convencido que a tysica é uma doença perfeitamente curavel, e tambem já passaram aos dominios da lenda os exagêros de certas summidades medicas a respeito do seu caracter nimiamente infeccioso.

Todos veem que os medicos, apesar de visitarem, auscultarem etc. a milhares de tysicos, resistem admiravelmente ao *bacilo* de Koch. Quantos morrem tysicos? Dizem que é por causa dos desinfectantes que usam; inclino-me porem a crer que é tambem pelos bifes com que se alimentam, e com a sua vida pouco amargurada.

Não é licito todavia suspeitar que elles descurem o estudo da enfermidade.

A prova é que algumas duzias de methodos e systemas teem sido publicados e esplanados, graças a cada um dos quaes a tuberculose ou tysica acabaria em algumas semanas. E, diga-se a verdade, se com esses systemas e methodos varios, não teem acabado com a tysica, é certo que acabam com todos os tuberculosos.

A reacção tornou-se indispensavel.

Contra o abuso da medicina vae-se accentuando a abstenção de todos os remedios.

Bom ar e muito ar — bom alimento e muitas vezes alimento — repouso absoluto pelo tempo preciso — eis toda a pharmacopeia applicavel aos tysicos, a unica talvez que póde operar a sua cura. O medico seja só para constatar o andamento da enfermidade e applicar algum leve regulador do estomago.

Respirar livremente é a primeira necessidade do tysico. E' preciso que continuamente aspire o ar oxigenado da atmosphera — dia e noite; de dia sempre fóra de casa em local onde incidam os raios do sol, o grande purificador do ar, sem que todavia incidam directamente sobre o doente, e nunca á sombra de arvores frondosas; de noite sempre com as janellas abertas, no verão e no inverno, com vento e com chuva. Nenhum inconveniente ha n'isto. As temidas constipações são menos que possiveis logo que o doente tenha cuidado de dormir sempre com camisola de flanella, prevenindo o caso de se descobrir. Pela bocca ninguem ou raras vezes alguem se constipa. Dou d'isto fé.

Ri muito dos kneipistas, mas a necessidade fez-me sujeitar á experiencia e esta tem muito mais força do que os preconceitos.... O resultado tem ido alem da mais optimista expectativa.

Para que este primeiro elemento da cura, seja bastante efficaz, deve escolher se um clima onde o ar, alem de bem oxigenado, e aquecido do sol, seja nem frio, nem quente, nem humido, nem muito agitado do vento, mas doce, secco e tranquillo.

Está em moda receitar as altitudes.

Não direi que é um erro; mas lembro que as grandes altitudes teem pelo menos dois grandes inconvenientes: o frio excessivo no inverno, e sempre a depressão atmospherica que favorece admiravelmente as congestões pulmunares, as hemorragias, as febres tenazes e mortiferas. E' certo que o pulmão pela rarefacção do ar deve alli respirar muito mais e que esta superactividade lhe é nociva.

Pois não é o repouso a lei do orgão doente? Elle é sem duvida o segundo factor para a cura da tysica. Quando se quebra uma perna immobilisa-se n'um apparelho até á cicatrisação ossea. Quando se abre uma chaga não se fricciona a toda a hora, aliás estará sempre em actividade e é impossivel que feche.

Se o pulmão ou pulmões estão ulcerados não póde esperar-se que cicatrisem, que cesse a febre, sem os deixar no mais completo repouso.

O pulso quando estamos deitados marca 76 e quando muito 86 pulsações; quando andamos marca de 90 a 100; quando subimos de 120 a 140. O doente dos pulmões que caminha, ou se esforça, até elevar as pulsações a 120 ou 140, fornece ao fóco inflamatorio, o pulmão, duplicado material de combustão que lhe forneceria em estado de repouso, mata-se deliberadamente.

Muitas vezes mesmo não basta o simples repouso; é preciso o repouso de immobilisação, isto é, repouso de leito. A febre não se cura fóra da cama. A tuberculose febril não é uma doença chronica, é doença agúda; e ninguem se lembrou ainda de curar uma pneumonia, uma febre typhoide uma escarlatina mandando passear o doente ao ar livre. E' este um dos unicos casos em que soffre excepção o que disse acima a respeito do regimen do ar.

Venhamos porém a fallar do terceiro espeque da vida do tuberculoso que é sem duvida a boa alimentação. O estomago é a praça forte do tysico, escrevia algures uma summidade medica. Todo o tuberculoso que come bem e não tem febre, está curado.

Alguns são de opinião que o muito comer só por si opera a cura. Obrigar porém o estomago a mais do que póde, é cousa de funestas consequencias; e aqui porventura terão origem essas caracteristicas solturas que quasi sempre são percussoras do desenlace final.

O segredo está em comer bem e com appetite. Para este fim devem ser adivinhados os desejos do doente; devem lisongear-se-lhe as preferencias do seu paladar; variar-lhe os pratos, fazer-lhe até agradaveis surprezas culinarias.

Quando ou a nutrição ou o appetite ou ambos diminuam ou faltem, deve acudir-se logo com o regimen lacteo e vejetal, que faz maravilhas; e quando este regimen tenha restituido o appetite, detido o emagrecimento, volte-se á alimentação ordinaria: á boa carne.

Sim, á boa carne, porque é a carne, e a carne crua, que constitue o alimento mais proprio para os tuberculosos.

Deve-lhe ser ministrada em abundancia mas não em grandes dóses. A carne crua alem de mais digestiva que a cosida offerece particular virtude curativa que recentes, multiplas e variadas experiencias teem posto em evidencia.

O melhor meio de a usar parece-me este: Tendo posto um kilo de boa carne de vacca da chã, sem osso, em um litro d'agua, durante seis horas, esprema-se n'uma prensa até que o liquido augmente 300 grammas. Este succo ou *chá de carne* deve tomar-se sem outro tempero ou cosimento.

Falta-me dizer duas palavras sobre sanatorios hoje tão celebrados.

E' certo que nos sanatorios, melhor que em parte alguma, poderão achar-se os meios do systema terapeutico que preconiso ; mas a par d'esta apreciavel conveniencia, ha inconveniencias n'elles.

Aquelle regulamento austero que é indispensavel haver e que aproxima o estabelecimento d'um quartel, ou mesmo d'uma cadeia ; o espectaculo de ver cada dia sahir alguns companheiros caminho do cemiterio ; a atmosphera impregnada ou de particulas de acidos violentos, ou de miasmas putridas das exhalações de tantos enfermos; aquella vida de communidade quasi claustral ; talvez mesmo o regimen alimentar, porque não é possivel fazer prato saboroso para tão variados paladares.... estes e outros inconvenientes de ordem moral e religiosa que omitto, fazem com que eu não assigne com os apaixonados pelos sanatorios para tuberculosos. Não ! ! A casa da familia, ou então a casa onde se viva familiarmente, com a propria liberdade, respirando um ar puro, tépido, secco, sob um ceu bem azul, com um horisonte largo deante dos olhos, é mil vezes preferivel aos sanatorios onde o interesse dos empregados, ou mesmo a heroica caridade christã, nunca podem chegar aos carinhos d'uma mãe, d'uma esposa, d'uma irmã, d'algum amigo mui querido, que com o murmurio doce de palavras de conforto, com a preoccupação attenta de tudo que possa concorrer para tornar efficaz a lucta contra a enfermidade tornam a cura não só possivel mas até muito facil.

Ao concluir estas palavras, rogo ao leitor que se ouvir dizer que morreu um padre franciscano victima da tysica, o encommende a Deus porque será talvez por não ter posto em pratica o que com tanta convicção escreve o que se assigna

P. M.

Santo protector para o mez de novembro

Santa Izabel de Hungria. — Em 1211 chegava, á capital da Hungria, grande e vistosa embaixada que se apeou á entrada do palacio real.

Vinha da parte de Herman, Landgrave de Thuringia e de Hesse, e sollicitava a mão da princeza Izabel para Luiz seu filho e successor. André II e a rainha Gertrudes assignaram o contracto esponsalicio, e a joven princeza de quatro annos de edade foi enviada, segundo o uso de então, para a côrte de Thuringia.

Sobrinha de Santa Hedwiges, prima da B. Ignez de Bohemia, tia da nossa Santa Izabel, e de S. Luiz de Anjou, da B. Conegundes Iolande e Margarida, Izabel não podia degenerar d'esta gloriosa geração. O castello de Wartebourg começou, desde a chegada da joven princeza de Hungria, a admirar as virtudes de sua bella alma.

O Coração de Jesus, a Cruz e a Eucharistia eram o objecto das suas continuas e extaticas meditações. D'estes tres divinos cultos brotou-lhe na alma jovenil a flôr da caridade, essa rosa encantadora que rebenta do Coração do Salvador, e regada com as graças eucharisticas cresce encostada ao lenho da cruz de que aure força e vida como do tronco a era.

Foi esta a virtude caracteristica de toda a sua vida. Seu tenro coração não podia vêr um pobre sem lhe deixar cahir na mão uma esmola, um doente sem lhe dar remedio, um miseravel sem verter lagrimas.

As virtudes e praticas piedosas da Santa Joven roubavam o coração de Luiz, bom como o d'ella, mas o restante da côrte olhava a com secreta tipathia.

Um dia estando na egreja coroada como de costume, ao ajoelhar-se deante do altar, tirou a corôa e pôl-a no chão.

A princeza Sophia, mãe do duque Luiz reprehende-a.

— Não posso apresentar-me coroada com um rico diadema, deante do meu Salvador coroado de espinhos.

Esta resposta irritou a princeza que a não olhava já com bons olhos

— E' melhor mandal-a para um convento, costumava dizer, leva aqui uma vida claustral e não comprehende a dignidade de sua posição.

Ao contrario de todos, Luiz enamorava-se cada vez mais das bellas qualidades de espirito da sua esposa e em 1221 contrahiu matrimonio.

A joven esposa, compenetrada das responsabilidades do seu novo estado, augmentou as praticas e exercicios espirituaes. Senhora do castello de Wartebourg deu largas á generosa caridade do seu misericordioso coração. Os pobres os doentes e todos os miseraveis recebiam ás portas do seu palacio pão, remedios e conforto.

Entre todos os miseraveis eram os leprosos

que mais lhe feriam a alma misericordiosa, por se assimilharem a Jesus, feito por amor dos homens, um leproso coberto de chagas.

Um dia, um d'estes infelizes passou pela santa. A cabeça e o rosto eram uma escama purosa. Chama-o á parte, lava-lhe a cabeça e o rosto, lança-lhe um medicamento e repousa sobre o regaço o doente, para descançar. Reprehendida por uma dama que a surprehendeu, um dôce sorriso foi a sua resposta.

Outro leproso apresenta-se-lhe n'um estado deploravel. O corpo parecia ter começado a corrupção do tumulo. A Santa Duqueza lava lhe os pés, banha lhe o corpo e com um carinho maternal deita-o na cama do seu marido. Toda a côrte se alvorota contra o atrevimento, que é relatado immediatamente ao duque. Este n'um impulso de irritação, corre á sua camara e ao levantar a roupa para certificar-se, descobre, em vez de um leproso, a Christo Crucificado

Em Quinta-feira Santa dava de jantar, e servia á meza, lavava os pés e vestia a doze pobres na sala do seu palacio. Em 1225 na celebre fome que devastou a Allemanha, alimentava diariamente ás portas de seu palacio e em hospicios que para isto levantara, novecentos pobres.

Um dia, descendo a encosta do monte que servia de pianha ao seu castello, com uma grande abada de comestiveis que ia destribuir pelos pobres da cidade vizinha, encontrou-se com o duque Luiz que vinha da caça e perguntando-lhe este com bondoso sorriso que carga era aquella, a santa abrindo o manto mostrou-lhe ramalhetes de lindas rosas.

O zêlo e bondade com que trabalhou na propagação da Ordem dos Frades Menores e a amizade que lhe consagrava mereceu-lhe de S. Francisco a offerta d'um manto que ella guardou até á morte como um thesoiro.

Os cortezãos do seu palacio indignavam-se com as santas prodigalidades da Duqueza de quem faziam continuas queixas a seu marido Luiz.

— O meu castello ainda não deu em terra, respondia, deixae que o meu coração (assim chamava a Izabel) continue nas suas prodigalidades. Não nos faltará por isso o pão.

Passou seis annos nos afans d'esta generosa caridade, coadjuvada por Luiz que a amava com affecto christão.

Mas a Providencia Divina ia passal-a do exercicio das obras de misericordia, para o martyrio, para o soffrimento.

Em 1227 o duque de Thuringia e Hesse alistou-se na cruzada de Gregorio IX. Izabel que animára seu esposo a tomar a cruz, despediu-se d'elle com muitas lagrimas: presagiava-lhe um desastroso futuro, o amor conjugal.

Duas semanas depois o castello de Wartebourg estava de festa pelo nascimento do quarto filho de Izabel. Mas a alegria foi rapida; pesado luto veio escurecel-a. Uns dias depois de Izabel se levantar do leito a princeza Sophia chama-a á parte e communica-lhe a morte desoladora do seu marido, do duque Luiz.

— Ah! Senhor morreu o meu irmão! o duque Luiz morreu! pois com elle tudo morreu para mim.

Foi o gemido da santa viuva.

Tudo realmente morreu para ella. O mundo não será mais que um vasto patibulo onde segará ás mãos cheias palmas do martyrio.

Passados poucos dias Henrique, irmão do fallecido duque, pretextando que a infeliz viuva arruinára com prodigalidades o palacio ducal, obriga-a a sahir do castello, sem a permissão de levar uma unica alfaia, uma unica mobilia. Os habitantes da vizinha cidade foram prohibidos de lhe dar hospitalidade.

Era n'uma gelada noite de inverno. Pela falda do monte que sustenta por corôa o castello de Wartebourg descia uma joven vestida de luto. Ao collo apertava um recem-nascido de algumas semanas; tres creanças de cinco annos para baixo, pegam-lhe pelos vestidos; pelas faces rolam-lhe duas grossas lagrimas; os labios tremulos pronunciam algumas preces, que a desditosa viuva, alterna com duas jovens que lhe fazem companhia.

Onde irá Izabel a duqueza de Thuringia e Hesse, a princeza de Hungria com seus tenros orphãos?

Vae desterrada sem saber para onde. Vae á mercê da Providencia.

Bate a todas as portas dos cidadãos de Eisenach, mas não acha abrigo nos aposentos onde tanta fome matou. Encontra muitos que da sua mão receberam pão, mas têem medo de incorrer na ira do dasapiedado Henrique Landgrave de Thuringia; contentam-se com verter lagrimas de dó ao ver passar a mãe da caridade com o triste cortejo.

Depois de muito peregrinar, um taberneiro cedeu á exilada viuva uma estrebaria. Tira os animaes, e Izabel entra, deita sem ceia seus quatro filhos sobre a palha e ia pôr-se em oração quando o sino do convento franciscano tocou a Matinas. Izabel cerra a porta da estrebaria e vae cantar com os seus irmãos, os frades menores os louvores do Senhor. Assiste a todas as Matinas e no fim pede que se cante um Te-Deum em acções de graças.

Uma só coisa lhe amargurava o coração: era o futuro dos seus orphãosinhos.

A Providencia arrancou-lhe este espinho do coração.

Umas pessoas ricas e christãs ás occultas de Henrique encarregam-se d'elles. Izabel, obrigada pela necessidade, despede-se dos filhos do seu amor, e vive sósinha trabalhando de casa em casa como uma jornaleira.

Passaram se mezes. A Providencia achava já pesado o martyrio para sua tão fiel serva. Mathilde tia da santa e abadessa de Ilitzing-sur-le-Mein sabedora, pela princeza Sophia, do que se passara chamou-a para junto de si.

A santa viuva gosou alli dias de paz e consolações intimas.

Mais adeante Egbert seu tio bispo-principe de Bamberg chamou-a do retiro de Kitzing e offereceu-lhe no seu bispado o castello de Botteisten. Recolhida alli com seus quatro filhos e as duas damas, fieis companheiras do seu exilio, os dias eram-lhe curtos para as praticas de caridade e as noites passavam-se em oração.

Condoido da sua viuvez, seu tio preparou-lhe novas nupcias com o Imperador Frederico II, mas tudo tinha morrido para Izabel com a morte do duque Luiz: renunciou-as tenazmente.

A paz tranquilla do castello de Botteinsten

ia ser perturbada, no coração de Izabel ia reabrir-se uma ferida que ainda gotejava sangue.

Os habitantes de Bamberg reunidos em cortejo funebre vão esperar ás portas da cidade os restos mortaes de Luiz duque de Turingia.

No outro dia celebravam-se pomposas exequias em honra do virtuoso cruzado que não logrou a gloria de beijar o tumulo de Jesus. Izabel teve coragem de apresentar-se no templo, deante dos restos mortaes de seu chorado esposo. No luto pesado que trajava, nas lagrimas que lhe rebentavam uma a uma no rosto ennuvado pelo soffrimento, lia-se a historia pungente das amarguras que lhe iam na alma.

Fechou se o tumulo e com elle as desavenças e iras da côrte de Thuringia.

Por intermedio dos companheiros do fallecido duque, Henrique pediu perdão á victima de suas cobiças, restituindo-lhe o castello de Wartebourg.

Para mostrar que não conservava em sua alma vestigios de rancor nem de indifferença, para com os auctores do seu soffrimento, a santa viuva demorou-se um anno na côrte de Thuringia. Mas não gosando ali do retiro e tranquillidade que o seu espirito desejava, foi morar para uma modesta casa que mandou levantar junto do convento franciscano.

N'esta morada passou os ultimos annos da sua vida no exercicio da caridade e da penitencia.

A' face dos altares fez voto de pobreza obediencia e castidade, offerecendo a Jesus como árras do seu consorcio as tranças dos seus cabellos que nunca mais nutriu.

Vestia o habito completo da Ordem Terceira de que era filha ha muitos annos, andava completamente descalça, servia de enfermeira nos hospitaes que levantara a expensas suas, e trabalhava como um official qualquer, em trabalhos manuaes com que esmolava os pobres.

Na pratica d'estes santos exercicios chegou ao anno de 1231 ultimo da sua curta, mas santissima vida.

A 19 de novembro d'esse anno rodeada dos seus quatro filhos expirou e voou ao ceu para receber a palma do martyrio e a corôa da caridade.

Cinco annos depois a familia real de Hungria e a côrte de Thuringia celebrava com o mundo catholico a festa de S. Izabel de Hungria.

Virtude a imitar

Espirito de penitencia. — Penitencia é tudo o que pode contrariar a nossa natureza viciada, tudo o que pode enfreal a, que a magôa, que lhe corta a marcha no resvaladeiro do peccado.

O sol que nos queima, o frio que nos enregela, a fome, a sêde, o trabalho, o cansaço, as doenças corporaes são penitencia, porque contrariam a natureza mal inclinada, que se compraz com o aprazivel da temperatura, com o prazer da gula, da ociosidade e do descanço. As humilhações, as contrariedades, as calumnias, os ultrages, os desgostos de toda a especie são penitencia, porque mortificam o nosso espirito viciado, que apetece o louvor proprio, a honra e tudo o que tende a eleval-o, e foge das dôres da alma.

Em nós ha potencias physicas e moraes a estorvar lhe os maus instinctos, mortifical-os é penitencia. Não ver o que se não deve, nem ainda o que não é necessario vêr-se, não ouvir o que offende a moral, ou ainda o que a não favorece, não tocar o illicito ou mesmo o que é indispensavel, não tocar o prohibido, ou abster-se ainda do dispensavel é penitencia Não querer, não desejar o mau, é penitencia. Privar-se do licito, sublime mortificação. Não reter na memoria a maldade, os maus principios e a má sciencia, esquecer a offensa e não-conservar o odio é penitencia ; desoccupal-a até dos conhecimentos indifferentes e escusaveis para repôr em seu logar os uteis ao nosso espirito é penitencia mais bella ainda. Não applicar a intelligencia, não estudar o prohibido pela religião e condemnado pela moral, é penitencia, retiral a das leituras indifferentes dos estudos de puro recreio para entretel-a com os uteis e necessarios é penitencia mais sublime ainda. Desapegar o coração das amizades anti-christãs e perigosas para a moral é penitencia, cortar porém pelas de puro affecto, pelas sympathias naturaes e indifferentes que estorvam o vôo da alma christã para o verdadeiro amor é penitencia mais vantajosa ainda.

Não deixar divagar livre a imaginação por devaneios phantasticos que atrahem e movem ao mal é penitencia, retrahil-a até dos de pura distracção, das chimeras inuteis, é penitencia mais meritoria ainda.

Todo o esforço que fazemos para evitar o mal e alcançar o bem, toda a violencia com que obrigamos as nossas potencias a privarem-se até do que é licito, para se conterem nos limites do dever, é penitencia.

Vêdes pois que ha penitencia, que é um preceito que se impõe a todos os christãos que pretendem salvar se, e é aquelle esforço que tem que fazer a vontade humana para sujeitar se aos preceitos graves e evitar os grandes crimes; e ha outra que é um meio de sanctificação ; esta quebra os instinctos ainda os mais indifferentes da natureza, para verga-la absolutamente ao espirito ; priva nos do que nos é licito para nos afastar do illicito : é o caminho da sanctificação para as pessoas religiosas.

E devemos ser penitentes? Devemos sêl-o porque somos christãos, porque devemos sêr christãos perfeitos ; a penitencia é um preceito e um conselho de perfeição evangelica. Mas devemos ser penitentes principalmente.

1.º — *Porque somos peccadores.* — Se comprehendessemos os estragos que o peccado, mesmo venial causa na nossa alma, quanto offende a Deus e quanto este Senhor o abomina, seriamos mais promptos em abraçar a cruz da penitencia, mais cuidadosos em aproveitar as occasiões de soffrer as adversidades quer physicas quer moraes que Deus nos proporciona para nos penitenciar. Por mais atrozes que sejam as tribulações, que sobre nós pesem, ficam sempre áquem do que mereciamos.

Não digaes que não tendes peccados grandes a expiar. Perante Deus não ha peccados grandes e pequenos. Ha-os maiores e menores, mas todos são grandes, porque todos são offensas de Deus, e uma offensa lançada á cara de um Pae estremoso, de um amigo intimo, nunca é pequena.

SANTA THEREZA DE JESUS

Desagrada muitas vezes a Deus mais um peccado venial de uma alma em que elle gastou riquezas immensas do seu amor, do que o peccado mortal de um tibio christão que mal o conhece. Importa-nos pouco a injuria do desconhecido por humilhante que seja, mas a de um amigo a quem demos o nosso coração com seus affectos, magôa-nos dolorosamente. O mesmo succede com Dens: a offensa de um coração grande é tamanha como elle: a injuria mede-se não pelo que é em si, mas pelo rebaixamento, pela humilhação, pela dôr da alma que vae ferir.

E quantas d'estas faltas veniaes a que chamamos mentirosamente pequenas não temos commettido? Ha! peccamos com os olhos, com a lingua, com todos os sentidos, com a vontade, com a intelligencia, com a memoria, com todas as potencias da nossa alma, não é muito pois que castiguemos com a penitencia o nosso ser physico e moral. Ao menos acceitemos das mãos de Deus as occasiões de soffrer — essas penitencias naturaes: o frio, o calor, os desgostos, as enfermidades, tudo o que nos desgosta e fere, em expiação das nossas culpas.

2.º — *Devemos fazer penitencia porque somos inclinados ao mal, para combatermos as más inclinações da natureza.*

Não é a natureza humana como a angelica inclinada ao bem. Herdamos do nosso pae Adão uma natureza viciada, pendente para o mal como os corpos para a corrupção, herança que nos é entregue com o primeiro raiar da vida, quando, apparecemos no mundo.

Tudo em nós procura o peccado: os olhos teimam em vêr o que não devem, os ouvidos em ouvir o que não podem, as mãos em tocar o que é vedado, todos os sentidos, todas as potencias physicas procuram com fome insacialvel a maldade; a vontade, a intelligencia, a memoria, o coração, todas as potencias e virtudes do nosso espirito, correm para o mal como rio por ladeira ingreme.

Como havemos de suster a marcha peccaminosa do nosso sêr, como havemos de enfriar este animal que se revolta contra o jugo da lei divina?

Com a penitencia. E' por meio desta virtude que nós exterminaremos a pouco e pouco os instinctos depravados da nossa natureza, com ella poderemos expurgal-a de toda a viciação, e restituil-a ao seu primitivo estado de innocencia.

(Continua).

Secção historica

Ordem Terceira de S. Francisco em Aveiro

II

O templo da Ordem Terceira de S. Francisco tem a denominação de capella, mas não erraria, quem lhe chamasse egreja.

Não é muito vasto, mas é tão grande, como algumas egrejas parochiaes; com sua capella mór, separada por arco cruzeiro e com quatro altares no corpo principal.

Os tectos são de abobada e em todo o templo a bella talha dourada é abundante.

Ergue-se este edificio ao lado da Egreja de Santo Antonio, tendo assim ambos os templos uma parede commum e ficando o de S. Francisco ao norte da mesma Egreja.

Em 1879, foi aberto um arco, para dar communicação entre os dois templos. Alterou-lhes a symetria e acho, que foi um grande erro.

Fallarei do templo da Ordem terceira, como elle estava antes d'aquella epoca.

*

O altar-mór tem um bello retabulo, cobrindo toda a parede e tendo no centro, em altos relevos, um quadro, representando S. Francisco a receber as chagas.

E' obra de grande merecimento e tem sempre tido os elogios dos entendedores.

Do lado do Evangelho, entre duas columnas salomonicas sobrecarregadas de folhagens, está sobre uma peanha a imagem de Santo Ivo, verdadeiro orago d'este templo.

Corresponde-lhe muito symetricamente a imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Ordem.

Estas imagens não são de grandes dimensões, mas são muito formosas e todas de madeira dourada.

As bases das quatro columnas, que enfeitam este altar, são rectangulares e cada uma tem na frente um alto relevo, com uma imagem em pequeno tamanho.

Essas imagens representam S. Luiz, Santa Clara, Santa Izabel (rainha de Portugal), e S. Roque.

No centro do altar, eleva-se um sacrario portatil, decente, e, pela sua simplicidade, bem denota, que é obra mais moderna.

Sobre os capiteis das columnas erguem-se umas pequenas jarras e na parte superior e acima de um pequeno entablamento, ha um quadro de madeira, em posição horisontal e representando o Pontifice a entregar a S. Francisco a Bulla para instituição da Ordem terceira.

Uma formosa sanepha, acompanhando o feitio da abobada, a que está unido,

remata este conjuncto, em que não será muito facil notar defeitos.

A meza do altar é rectangular e simples, como em todos os d'este templo.

*

* *

As paredas lateraes do presbyterio ou capella-mór, são, como a da frente, todas cobertas de talha, desde uma pequena altura até o tecto.

De cada lado ha tres quadros emmoldurados e pintados a oleo e em panno.

O primeiro do lado da Epistola e mais proximo, ao altar, figura S. Francisco morto, mas em pé e o Pontifice, curvando-se perante elle.

O segundo representa S. Francisco, vestido de guerreiro e ainda mancebo, de joelhos, perante Christo crucificado, que lhe diz:

RESTAURA ECCLESIAM MEAM, FRANCISCE.

(Francisco, restaura a minha Egreja).

No terceiro, vê-se ao longe uma egreja e o Demonio, vestido de religioso franciscano e calcando no peito um frade estendido no chão.

Este quadro recorda uma tentação, a que S. Francisco soube resistir.

*

A estes quadros, correspondem do lado do Evangelho os seguintes:

S. Francisco prostrado deante de Jesus Christo e da Virgem; Santo Antonio, a receber o Menino Jesus das mãos da mesma Senhora; e Santo Elyas, arrebatado ao Céu n'uma carroça de fogo.

A respeito do merecimento d'estes quadros tenho ouvido opiniões muito diversas.

Um pouco acima dos que estão do lado da Epistola, ha um quadro em posição horisontal, representando S. Francisco a tirar almas do Purgatorio.

Faz-lhe symetria, na parede fronteira, um quadro, que representa o mesmo Santo em attitude de impetrar do Pontifice alguma graça.

Na mesma parede e perto do arco cruzeiro, ha uma porta, que dá entrada para a sacristia e outras dependencias do templo.

*

O arco cruzeiro é muito elegante e proporcionado. Tanto na frente, como na espessura e ainda no interior, é todo coberto de talha dourada. Sobre elle poiza uma desacanhada sanefa, rematada com os emblemas da Ordem de S. Francisco, rodeados de uma corda.

*

* *

O primeiro altar do lado da Epistola era dedicado a Christo Crucificado, tendo abraçada a imagem de S. Francisco.

Com aquelle Crucifixo se fazia outr'ora a visita da Viasacra e ganhava quarenta dias de indulgencia quem a acompanhasse.

Sob este altar, havia uma imagem de Nossa Senhora da Boa morte, com a qual o povo de Aveiro tivera, e ainda hoje tem, muita devoção. E' de uma escultura muito regular.

Este altar foi tirado n'aquelle anno de 1879 e acha-se actualmente na Egreja de Santo Antonio, e é dedicado agora a Nossa Senhora da Conceição.

No seu logar está o arco, de que fallei, communicando os dois templos, roubando-lhes a symetria e manifestando um erro deploravel, mas facil de remedear-se.

*

O segundo altar sempre foi dedicado a S. Julião, Abbade.

A imagem representa o santo com os habitos, proprios da sua dignidade e empunhando um báculo.

Está mettida n'um oratorio saliente e envidraçado.

Diz o auctor da Chronica da Soledade, que esta imagem foi deixada á ordem terceira, por um Irmão, que, em 1735, foi enterrado n'este templo.

Foi pretendida pelos Confrades da Misericordia, por ser objecto muito estimavel para os habitantes de Aveiro e dos seus arredores, ainda quando estava na casa do seu antigo possuidor. E attribuiam muitos favores celestes á devoção, que tinham com essa imagem, apezar de tosca.

Não é, porem, tão imperfeita, como alguem póde suppôr, o que me faz crer na possibilidade de qualquer modificação na esculptura.

Até 1872, conservou-se n'este altar um

painel, representando um individuo amortalhado. Tinha este letreiro, copiado textualmente:

M.ª Q. Fez o Snr. S. Julião em hum f.º DE Eytor mendes de matos, da fr.ª de pessegeiro o Coal estando com hua grm.de malligna desconfiado dos medicos e serurgiões e oferecendo-o o dito seu pay com a Ssua mortalha a este Santo emmidiatamente teve Logo Saude prefeita no anno de 1742 e no ã de 4 a chandoce com a mesma molestia e tornando a recorrer ao d.º S.to teve outra vez Saude.

*

O primeiro altar do lado do Evangelho tambem sempre foi dedicado ao Senhor dos Passos, cuja imagem tem algum merecimento.

Ao lado, está a imagem de S. Francisco, com a cruz ás costas. A esculptura é pouco perfeita.

Estas imagens não parecem do mesmo artista nem da mesma epoca.

Junto á meza do altar e do lado da Epistola está uma ellipse com este letreiro:

O S. N. Apost
Concedeo cem dias
de Indulg. a q.m orar de
ante d'esta imagem
de N. S.R com a crus
ás costas. Anno
de 1793.

*

O segundo altar é dedicado a S. Roque desde 1893, mas até esse anno foi sempre dedicado a S. Francisco de Paula. A imagem d'este nome era perfeita, de tamanho regular, toda de madeira. Figurava o Santo com o habito franciscano.

No peito e dentro de um circulo dourado, tinha a palavra:

CHARITAS

Junto á mesa do altar estava uma ellipse, egual ao que ainda hoje existe no altar antecedente, e tinha este letreiro:

O. Sr. N, Apost.
Concedeo cem dias de
Indulg. a q.m orar deante d'esta Imag. de S.
Francisco de Paula
Anno de 1792.

N'aquelle anno de 1893 foi tirada d'este altar essa imagem, por que estava completamente estragada pelo caruncho e pelo tempo.

Foi então d'aqui tirado esse letreiro, porque não se referia á imagem, que foi substituir a de S Francisco de Paula.

A de S. Roque foi mandada fazer para ser levada na Procissão de Cinza e n'esse anno serviu pela primeira vez.

Como todas as que são levadas n'essa Procissão, é propria para ser vestida.

*

* *

Todos os quatro altares, do corpo principal d'este templo, são eguaes, da mesma epoca e não muito inferiores ao altar mór, posto que um pouco mais simples.

Cada um d'estes altares está mettido n'um arco, formado de talha dourada.

O retabulo é ladeado por duas columnas salomonicas, menos floreadas, que as do altar-mór, e em cujos capiteis assenta uma sanepha.

Exteriormente, vê-se outra sanepha, de muito maiores dimensões e proporcionalmente similhante á que está sobre o arco cruzeiro.

Com excepção do altar de S. Julião, tem cada um dos outros um oratorio reentrante, onde estão as respectivas imagens.

*

O pulpito fica entre os altares, que estão do lado do Evangelho.

E' resguardado por balaustres, de pau preto, torneados e de forma cylindrica e simples.

Assenta n'uma pedra quadrangular e pouco enfeitada.

O portico é vulgar e tem uma sanepha muito semilhante ás que se veem sobre os quatro altares, que ficam descriptos.

*

O tecto é dividido em tres secções curvilinias, subordinadas ás collocações dos altares e do pulpito.

E' ornado com pinturas a fresco e de fórmas variadas, mas todas symetricas.

A cima de cada um dos quatro altares e na curva, que lhe corresponde, vê-se uma ellipse dourada.

Sobre ella estão pintados dois dos emblemas da paixão de Jesus, de modo que os principaes d'eses emblemas se acham destribuidos pelas quatro ellipses.

Logo acima do pulpito lê-se:

1736.

E', por certo, a data da pintura do tecto.

No centro de cada uma das secções do tecto e assente n'uns lozangos dourados e salientes, resalta uma pinha, tambem doirada e propria, para d'ella pender um lustre ou uma lampada.

*
* *

Em posição elevada e na parede, adjacente ao arco cruzeiro, está, da parte da Epistola, um quadro, pintado a oleo e em panno, representando a morte de S. Francisco.

Corresponde-lhe do lado opposto, outro quadro, representando o Nascimento de Jesus.

São quadros de merecimento, segundo dizem os entendedores.

Em azulejos e sob o primeiro d'aquelles quadros, vê-se outro, figurando S. Francisco, entre dois anjos. A este, faz symetria uma pintura em azulejos, representando S. Francisco, apertando a mão a Santo Antonio.

Estes azulejos são muito bellos, como o são todos os que ficam no corpo principal do templo, aos lados e entre os altares, e aos lados da porta.

Representam quadros campestres e passos da vida de S. Francisco, já como mancebo inexperiente, já como penitente e exemplificador.

Revestem as paredes até á altura dos capiteis, em que assentam os arcos dos altares e não pode haver a menor duvida de que foram alli collocados, quando se fez a pintura do tecto, isto é, pouco mais ou menos em 1736.

Perto dos angulos, que as paredes lateraes formam com a do arco cruzeiro, ha, em cada lado, um medalhão de madeira, ornado de pintura e feitio simples.

O do lado da Epistola diz o seguinte:

O S.to P.e PIO 6.º priviligiou in perpetuum o Atar mayor d'esta no Ssa Capella por Breve de 14 de Settembro de 1792 a instancia do N. C. Ir. Ministro Fr. Manuel Mq.s de Fig.do

Diz o seguinte o medalhão, que está do lado do Evangelho:

O Iubileu da Porciuncula se alcança n'esta nosa Capella como n'outra qualquer Igreja dos Religiosos do N. P.E S. Franc.º por graça especial e Declaração do S.to P.e Pio 6.º de 14 de Settembro de 1792 a instancia do N. C. Ir. Ministro Fr. Manoel Mq.s de Fig.do

Aos lados da porta principal e em conveniente altura, estão as pias de agua benta, que são em fórmas semiesphericas e sem ornatos.

Um pouco acima do nivel da verga da porta, ha duas altas, mas estreitas janellas, que são as unicas d'este templo.

Por isso e porque estão voltadas para o poente, é este recinto pouco alumiado, deffeito, que sempre se notou e que não será facil de remedear, senão rasgando-se mais aquellas janellas e abrindo outra ou um largo oculo sobre a porta

(Continua).

(Aveiro). RANGEL DE QUADROS.

Correcção. — No artigo, publicado no numero antecedente, na segunda columna de paginas 650, onde se lê: «recorreram a elles os frades do Convento de Aveiro», leia-se: «recorreram elles aos frades do Convento de Aveiro.»

PENSAMENTOS

— Tu quis és?

Em materia de *vós quem sois* todo o homem mente duas vezes: mente-se a si mesmo, porque sempre cuida mais do que é; e mente-nos a nós porque sempre diz mais do que cuida.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

Attinje tão alto a inepcia de certos educadores que chegam a vangloriar-se das creanças não nutrirem confiança por elles.

— A mim não me pedem elles isso — ouvi dizer muitas vezes a um d'estes imbecis da antigui-

dade que foi meu collega em certo instituto de ensino francez. E realmente não lhe pediam nada porque não lhe tinham amor, e por isso nem confiança que é filha d'este.

Nunca julgueis sinistramente d'esse pedinchar importuno das creanças, fazem-no porque confiam que tudo lhe dareis, e confiam porque sabem que lhes quereis bem. Tende sim por fraco symptoma esse retrahir-vos e esconder-vos as necessidades ás vezes até ponderosas, ou quando vo-las manifestam é com timidez de quem espera um aspero, ou desatencioso não....

Nada mais poderoso para roubar ás creanças a confiança e dedicação pelo mestre ou prefeito— pelo educador — que esses nãos cathegoricos, systematicos, frios desanimadores que teem sempre promptos taes pedagogos.

Porque se não ha de conceder a uma creança o que nos solicita, ás vezes com tanta candura simplicidade e interesse infantil, se nos é facil, se não vae envolvido n'isso dificuldade alguma. Lembrae-vos que um não dado sem mais razão que pronuncial-o é sempre desagradavel para os homens feitos, muito mais para uma creança que não comprehende as razões occultas que ás vezes não permittem uma concessão prompta e franca.

Quando os seus pedidos forem irrazoaveis, envolverem difficuldades, não forem convenientes por qualquer motivo, não deis em resposta um secco não, mas com agrado de quem desejaria attende-los mostrae-lhe os motivos que vos impossibilitam, e vereis como ficam tão satisfeitos como se lhes fizeseis a vontade.

Contradizei as creanças no amor proprio que se manifesta por mil maneiras nas propenções para o orgulho, ira, ingratidão, desamor fraternal etc., com sagacidade e prudencia, no resto não.

O systema de contradizer, é systema de retardar.

Não educa deseduca. Não faz homens prestaveis á sociedade, faz rancorosos, concentrados, soberbos, vingativos, egoistas amigos do seu. Jovens educados n'esta escola nunca chegam a comprehender a generosidade, o desapego e o sacrificio christão por um amigo; pelo seu proximo

MARQUEZ D'ARSAYLLE.

◆

Os magnetes attrahem o ferro, os magnates o ouro.

P. A. VIEIRA

◆

Falando o Padre Antonio Vieira, dos que occupam ao mesmo tempo muitos officios, conta como tendo Moysés pelos setenta anciãos que lhe mandara escolher para o substituirem; e conclue d'esta sorte: «De maneira que um homem que vale por setenta homens não se atreve a servir um só officio; e vós que vos fará Deus muita mercê que sejaes um homem, atreveis-vos a servir setenta officios? !»

ANECDOTAS

Do nariz de Zola diz um dos Concourt:

«—O nariz de Zola é um nariz particular, é um nariz que interroga, que approva, um nariz que está alegre, um nariz no qual reside a physionomia do seu dono, um verdadeiro nariz de cão de caça, as impressões, as sensações, os appetites dividem a sua ponta em dois pequenos buracos que em certas occasiões parecem inquietos.

◆

Authentico·

Quando ha dias chegou ás Furnas a imagem da Senhora Sant'Anna, que fôra a restaurar ao Porto, esteve em exposição no Hotel, o que deu logar a que um cavalheiro alli hospedado dissese espirituosamente:

—Tenho viajado muito, mas agora foi a primeira vez que se me deparou uma santa por companheira de hotel!. .

◆

N'uma lição de aritmetica. Na escola de uma aldeia o mestre tratou inutilmente de fazer entender os principios da subtração aos seus discipulos.

Finalmente recorre a um exemplo pratico:

— Se de um numero inteiro—diz—tomo quatro vezes seguidas a quarta parte, que resta?

— ¡.. !

— Não entendeis? Pois bem: Vêdes este damasco. Parto-o em quatro pedaços. o que fica?

O caroço —responderam todos á uma.

Leituras amenas

Não tive tempo!...

I

Uma e meia!... E Gustavo sem vir, sabendo que eu o esperava, como costumo fazer todos os dias, para almoçar! Oh! Isto é demais, faz me perder a paciencia! nunca em nenhum dia esperei tanto! E depois diz que eu sou zangada, que sou uma impertinente, e que não tenho paciencia nenhuma.

E Florinda, impaciente, desesperada, nervosa, cheia de agitações febris, atravessava com a agulha a linda e fina hollanda estendida sobre o bastidor, lançando repetidas vezes os olhares sobre o mostrador d'um magnifico relogio, que um monstruoso preto sustentava sobre os seus herculeos hombros, como acabrunhado por seu peso, cujo busto se destacava entre as plantas tropicaes que o cercavam junto a um angulo da sala.

Passou meia hora, que pareceu a Flo-

rinda meio seculo. Parou de repente o monotono e compassado *tic... tac...* do relogio; ouviu-se depois um ruido surdo e prolongado e duas badaladas breves e seccas, soaram na sala, fazendo agitar nervosamente a Florinda sobre a cadeira em que estava assentada e dar com o pé fortemente no pavimento, emquanto o relogio proseguia indifferente no seu monotono *tic... tac...*

— Eis aqui está mamã! aqui está mamã! exclamou Florinda, interrompendo o seu trabalho e olhando para D. Luiza que sentada perto da sua filha lia attentamente n'um livro de orações. Já são duas horas e o meu senhor marido sem vir! E elle que sabia que não almoçamos antes d'elle chegar.

— Oh mulher! não te impacientes, disse D. Luiza. Talvez que elle esteja occupado em algum grave assumpto, que o fez tardar até agora...

— Meu marido occupado em assumptos graves! replicou Florinda com amarga ironia. Qualquer diria que a mamã não conhece a Gustavo. Ora! Graças a Deus, ahi vem elle continuou Florinda ao ouvir soar fortemente a campainha.

Um instante depois, Gustavo, correcto, aprumado e elegantemente vestido penetrava na sala e deixando-se cahir sobre um sofá exclamou:

— Muitos bons dias, mamã! Adeus minha Florinda! Sempre venho tão cansado!... Porém, que é isso? disse elle fixando-se no rosto de sua mulher. «Como terrivel e nublado avança o teu rosto» segundo se diz em certo drama! E eu que vinha tão contente!...

Porém o que te succedeu, para estares assim com essa cara de inverno?

Diz! que eu não sou capaz de advinhar. Será talvez porque eu venho hoje um pouco mais tarde?...

— Um pouco mais tarde! Não houve isto mamã? Já viu uma pouca vergonha como esta?

— Vamos mulher não é tão tarde como julgas, contestou D. Luiza sorrindo-se. Acabam apenas de dar as duas e nada mais.

— As duas e vinte; senão olhe para o relogio!

— Vamos, não te enfades tontinha, disse Gustavo, levantando-se e dirigindo-se carinhosamente para junto de sua esposa. Se tardei, foi por causa de ti, foi para te dar uma grande surpreza, que te ha-de encher de alegria. Recordas-te da parelha de cavallos que outro dia tanto admirastes quando fomos passear ao campo?

— Ah! sim! Aquelles que puxavam o carro do snr. Duque de...

— Isso mesmo! Pois o que pertencia ao snr. Duque, pertence hoje a nós, ou melhor pertence te, pois foi por tua causa que eu os comprei!

— E isso custou-te muito?

— Não te digo quanto custou, porque hoje estás de muito má catadura e começas para ahi a ralhar commigo. O Duque conheceu o desejo que eu tinha de possuir aquella bella parelha e aproveitou-se da occasião. Porém, não é necessario agora fallar n'isso. Estivemos tres horas para acabar o contracto. Mas já ahi estão os cavallos e tambem já disse ao Jorge que ás quatro os tenha atrellados ao *laudau* azul, para darmos todos tres um passeio: tu, a mamã e eu.

— Nada, no que toca a mim não conteis, disse D. Luiza, esta tarde prega o P. R. Abreu na Magdalena, e eu não fico sem ouvil-o; dae lá o vosso passeio ou o que quizerdes, eu é que não vou.

— Bem, pois então vou eu e mais a Florinda. Com que então me desculpas a demora, proseguiu Gustavo com assento infantil e supplicante pegando n'uma cadeira e assentando se ao lado de sua mulher.

— Como não te hei-de perdoar e agradecer; e agradeço com toda a minha alma o teu bom desejo. Comtudo estou certa Gustavo, de que tu pagaste pela parelha trez vezes mais do que ella vale. Tudo o que o Duque te quiz pedir. Porém, não fallemos mais n'isso; agora conta-me tudo o que mais fizeste desde que sahiste.

— Tambem estive nos armazens do Grandella, a ver os ultimos figurinos que elle recebeu de Pariz; não me agradou nenhum.

— E que mais?

— Comprei seis pares de sabonetes na perfumaria ingleza, verás como téem um aroma delicado; tambem comprei tres pares de botas na casa do *Pobre homem* e encarreguei ao tapeceiro que venha segunda-feira para arranjar os tapetes para a sala.

— E que mais?

— Tambem fui até á casa do jardineiro e avisei-o que trouxesse dois vasos de crisanthemos brancos para o teu toucador, de caminho passei por casa do Patricio para ver a ultima novidade dos chapeus que ha pouco alli chegou.

— Mas tu tens tudo novo?! Para que queres fazer novos gastos?

— Não importa; quero variar tudo. Não vez que aquellas côres já não estão na moda.

— Bem... e que mais fizeste tu?

— Renovei a assignatura do theatro e mandei que puzessem no antepalco mais duas cadeiras, fui eu mesmo que as escolhi, e olha que francamente não encontrei nenhuma a meu gosto.

Umas pareciam altas, outras baixas, umas escuras outras claras de mais...

— E que mais?

— E que mais, e que mais! Pois parece-te pouco o que fiz? Eu estive occupado toda a manhã e faltou-me o tempo para as outras cousas.

— De maneira que não te occupastes do professor para Carlinhos?

— Ah! E' verdade! Pois olha que não me esqueci, mas foi porque *não tive tempo*. Determinei tractar d'isso depois de tractar dos outros negocios, porém como os conclui tão tarde!...

— Devias primeiro procurar o professor para a creança que era o unico negocio que importava Na edade de Carlinhos todos os meninos sabem ler e escrever, pelo menos. Ha já um anno que o nosso filho devia ter um professor ou ter entrado n'um collegio, e parece-me que é necessario que eu mesma me encarregue de procurar o professor para que a creança não perca mais tempo. Tambem não foste fallar com o procurador?

— Não pude, *não tive tempo*.

— Pois era muito necessario. Quatro vezes já cá vieram os vizinhos da casa que possuimos na rua de S. Jorge a queixarem-se do estado ruinoso do edificio, e se não deres ordens immediatas ao procurador para que se façam as reparações necessarias, a casa não tardará a vir a terra.

— Porém mulher, se eu não tive tempo para me occupar com essas cousas! Ah! Já me esquecia dizer-te que estive com Luiz Campos.

E digo-te que ganhei uma aposta.

Pois não ateimou aquelle cabeçudo, a noite precedente no casino, que o Dr. Alberto era mais novo do que eu?

E por mais que eu teimasse e dissesse quando nasci e quando nasceu o Dr. Alberto, não foi capaz de se convencer depois d'uma hora de discussão, sendo necessario irmos ao Club onde se achava o doutor, e ainda mesmo assim aquelle cabeçudo não queria confessar o engano.

— Porém, por fim confessou-o!...

— Ah! creio que sim, mas se elle teima sou capaz de obrigal-o a fazer uma viagem até á nossa aldeia lá para o norte onde nasci, para lhe mostrar o livro dos baptismos.

Não, eu não cedo n'estes assumptos!

Em questão d'honra! E ainda mais que todo o casino estava interessado em saber o fim da discussão!

Florinda fixou os olhos no seu esposo, contemplando-o alguns instantes com essa especie de carinhosa compaixão com que se contempla a um demente ou a um imbecil, a quem se ama ternamente, não obstante a sua demencia ou a sua imbecilidade, depois deixou escapar um profundo suspiro, emquanto Gustavo levantando-se trauteava por entre os dentes um pedaço d'uma opera celebre; n'este ponto ouviu-se a voz do creado que chamava para a sala de jantar.

II

Uma hora depois, o luxuoso *landau* azul rodava estrepitosamente pela rua Aurea, puxado por uma parelha magnifica de cavallos, que chamavam a attenção dos transeuntes pela sua formusura e galhardia. Gustavo sentado ao lado do cocheiro empunhava o latego e dirigia a carruagem, emquanto Florinda recostada no molle e flexivel encosto, lançava olhares indifferentes pela rua, demonstrando claramente na expressão de tristeza que encobria o seu formoso rosto, que alguma pena profunda e intima a turturava aquella tarde.

E na verdade, assim era. Florinda amava a seu esposo, porque era bom, porém sendo ella, como era, summamente sensata não podia habituar-se ao caracter leviano e frivolo do seu marido. Cavallos, cães, perfumes, figurinos, bagatelas e frioleiras; eis aqui os importantissimos assumptos de que se occupava Gustavo, eis aqui as coisas

que chamavam as suas unicas attenções e o preoccupavam gravemente emquanto que esquecia e preteria por completo as obrigações e os deveres mais sagrados do seu estado.

E Gustavo, diga-se com franqueza, não era precisamente mau, porém era muito frivolo: attendia a todas as coisas pequenas, e não fazia caso algum das grandes; nunca durante sete annos de matrimonio, Florinda o tinha visto occupado em algum negocio sério, racional ou util, e embora durante todo aquelle tempo houvesse procurado de maneira indirecta e delicada, não se atrevendo a tractar de frente o assumpto com medo de perturbar a paz matrimonial, fazer comprehender a seu esposo que a vida d'este mundo não nos foi dada por Deus para a disperdiçar em frivolidades e loucuras, mas para conseguir, por meio d'um trabalho honrado e sério e pela practica das virtudes christãs, a eterna recompensa que Deus prometteu e dará a seu tempo ao que a mereceu pelas suas boas obras, seus esforços não obtiveram resultado algum, e isto opprimia profundamente o coração de Florinda, que sentia aquella tarde mais triste do que nunca, talvez porque começava a perder a esperança de que era impossivel modificar o caracter do seu esposo.

A carruagem cruzou varias ruas no seu rodar veloz, e depois de meia hora de caminho chegou perto d'um suburbio da cidade onde a vista se perdia n'um encantador panorama. Alli baixaram os esposos da carruagem, mandando ao cocheiro que descançasse os cavallos, seguiram a pé a estrada que conduz ao aprazivel logar onde costuma ir passear a alta aristocracia que não gosta de passeios ruidosos.

A tarde estava formosa, e como ainda «o rubicundo Febo» costumava fazer de quando em quando algumas das suas (era o meado de outubro), e Florinda se sentisse cançada, sentaram-se os dois esposos sobre a branda relva, junto a um grupo de ôlmos ao pé do riacho e não muito longe do pobre pontilhão, a que de datas immemoriaes o povo do logar chamava «ponte mourisca». Gustavo sempre preoccupado com os seus grandes negocios, tirou do bolso a carteira, puxou por um lapis e publicando o que escrevia poz-se a notar o que tinha de fazer no dia seguinte, que era pouco mais ou menos o que tinha feito n'aquelle dia e todos os dias da sua vida, desde que chegou á edade, não da razão pois parecia que ainda não a tinha, mas á edade em que pôde dispor livremente da sua liberdade. Florinda, ia contemplando distraida, emquanto escutava a Gustavo, as poucas aguas do riacho que passavam e repassavam atravez o velho pontilhão; depois deixou-se cahir n'uma profunda abstracção, sem tirar a vista do rio nem do pontilhão.

— Que tens Florinda, disse Gustavo carinhosamente, suspendendo immediatamente o seu negocio de escripturação e fixando-se no rosto de sua esposa. Tenho grandes suspeitas, ha muito tempo, que alguma coisa te inquieta e perturba, e isto me intristece muito, porque eu não posso ser feliz sem tu o seres tambem. Diz-me... em que pensavas agora mesmo.

— Estava a escutar essa interminavel lista de cousas... *graves* que tens que fazer amanhã e que as vaes dizendo emquanto as escreves em tua carteira, e ao mesmo tempo philosophava vendo a agua atravessar a pequena ponte lá em baixo.

— Porém.. tem alguma relação as minhas notas de carteira lá com as tuas philosophias?

— Alguma... talvez tenha alguma! contestou Florinda sorrindo.

— Ora essa! então diz que genero de relação tem?

— Não: vou dizer-te o que pensava, e deixarei para ti o trabalho de buscar a relação e... tirar as consequencias practicas.

— Eia! pois, venha d'ahi senhora doutora que o discipulo está impaciente para aprender a licção.

— Pois estava pensando, querido Gustavo, disse Florinda abandonando o tom de graça que até então tinha empregado, estava pensando que assim como a agua passa por debaixo d'aquella ponte, assim passam muitos homens nos caudaes da vida atravez a ponte dos annos, e assim como aquella agua passa sem deixar atraz de si rasto da sua existencia, assim ha muitos homens que passam n'este rio da vida sem deixarem vestigios de que existiram n'este mundo... Que lembranças deixam esses homens da sua passagem por este mundo? Occupados sempre em frioleiras ninherias e bagatélas, attendendo sempre ao superfluo e a coisas pequeninas, não attendem ao necessario e desprezam tudo o que é grande

e bom ; esses homens frivolos malbaratam loucamente o precioso thesouro do tempo sem comprehender o seu valor nem applical-o a conseguir o unico fim para que Deus nol-o concedeu.

Esses homens, Gustavo, fazem-me lembrar o servo inutil de que falla o Evangelho; porque realmente, tornam-se similhantes a elle em tudo...!

E que fim tão triste e espantoso está reservado ao servo inutil depois da sua vida tão desperdiçada, Gustavo da minha alma...! continuou Florinda cruzando as mãos e contemplando fixamente seu esposo com amor e com uma profunda tristeza, de tal maneira que os seus formosos olhos se encheram de lagrimas.

— Comprehendes, comprehendes agora a causa da minha constante tristeza e a relação que ha entre os teus apontamentos e os pensamentos que ha pouco me preoccupavam.

Gustavo, que amava immensamente a Florinda, e que embora frivolo e leviano tinha um formoso coração sentiu-se commovido até ao mais intimo do seu ser ao escutar aquellas palavras.

— E tu vaes ver como comprehendo as relações que ha entre os teus pensamentos e os meus apontamentos, disse elle, e olha! olha! como os comprehendo e rasgou em pedaços as folhas da carteira que tinha escripto. — E tambem sei tirar a consequencia, como tu disseste... vamos, levanta-te! depressa vamos já!...

— Mas aonde vaes? exclamou Florinda assombrada ao ver Gustavo levantar-se precipitadamente e começar a andar muito depressa.

— A' cidade... Vou começar a tirar a primeira consequencia, disse Gustavo estugando o passo.

— Porém, ó homem de Deus! espera! espera! Não te comprehendo, exclamou Florinda seguindo o, cheia de alegria, porque começava a comprehendel-o. Como vaes tirar a primeira consequencia?

— Ordenando ao procurador que repare a nossa casa da rua de S. Jorge immediatamente, e procurando esta mesma tarde um professor sabio e virtuoso o melhor se fôr possivel que houver na nossa capital para ensinar ao nosso querido Carlinhos.

Culto de Santo Antonio

O Pão de Santo Antonio

DECLARAÇÃO

A Redacção da «Voz de Santo Antonio», julga opportuno repetir aqui as declarações já feitas por mais d'uma vez:

a) A instituição do Pão dos Pobres de S. Antonio, posto que seja obra dos Franciscanos funcciona independentemente da sua direcção. Por onde,

b) As esmolas depositadas nos cofres de S. Antonio nem são para a «Voz de Santo Antonio», nem para os seus directores e collaboradores, nem para os Franciscanos como aleivosamente aventaram muitos jornaes, mas são exclusivamente para o Pão de Santo Antonio e para obras de caridade promovidas pela commissão administrativa, á qual só cabem as responsabilidades do bom ou mau emprego das ditas esmolas.

c) A «Voz de Santo Antonio», dando publicidade ás muitas cartas de agradecimento que apparecem nos cofres de Santo Antonio, tem só em mira dar gloria a Deus e ao Santo de que é orgão mensal. Não explora a crendice do povo, mas fomenta o espirito de piedade. E se muitas das cartas que publica não têem a orthographia e a grammatica desejadas, e empregam indistinctamente o nome de graças ou milagre, não são da redacção as responsabilidades, mas dos proprios signatarios.

De resto a Redacção da «Voz de Santo Antonio», para se conformar com os decretos de Urbano VIII, declara mais uma vez, que não pretende dar aos factos narrados no Culto de Santo Antonio senão um valor meramente historico, deixando á Egreja o julgar da sua authenticidade.

BRAGA

AOS AMIGOS DE SANTO ANTONIO

Pedimos mais uma vez que não se esqueçam de indicar em termos claros e precisos a graça ou graças recebidas de Santo Antonio para que dignamente se possam publicar na «Voz» em honra e louvor do grande Thaumaturgo.

Confrontando a receita enorme das esmolas mensaes ao Santo para o Pão dos Pobres com as cartas de agradecimento, vêmos que a maior parte das graças não véem ao publico, o que não póde ser agradavel a Santo Antonio; pois é justo que atteste o seu reconhecimento quem recebe os favores.

Prometti ao Glorioso Padre S. Antonio se me passasse uma dôr dentro d'um anno dar lhe

1$500 rs. O milagroso Santo fez o milagre, e o dinheiro já está na caixa.

16 de Setembro de 1902. — *José Antonio Alvares dos Reis.*

— *Glorioso Santo Antonio.* — Agradecemos-vos o favor que nos fizestes de nos deparardes a casa que desejavamos, por isso vos enviamos uma esmolinha para o pão dos vossos pobresinhos.

Vossas humildes devotas. — *A. e M.*

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Venho hoje agradecer vos a graça que vós alcançastes do Senhor para que eu não perdesse no negocio que vós sabeis. Junto remetto a esmola promettida de cinco mil réis para o pão dos vossos pobres.

— *Glorioso Santo Antonio.* — Aqui vos deixo 2$000 réis como vos prometti, se o meu filho ficasse bem nos seus exames, que teve de fazer este anno; felizmente ficou approvado de todos que fez; e agora, ultimamente ficou livre do serviço militar a que estava sujeito, de tudo isto vos agradeço, esperando nós que continueis a proteger nos em todas as nossas necessidades, da alma e do corpo.

Um vosso devoto e assignante.

Paços de Ferreira 5 | 9 | 02. — *B.*

— *Meu Querido Santo Antonio.* — Agradeço-vos a graça que me fizestes de me arranjardes emprego.

— *Glorioso Santo Antonio.* — Agradeço-vos a graça que me fizestes de me alugarem a casa; ahi vos deixo os 300 réis que vos prometti.

28 de Setembro de 1902.

ENTRE-OS-RIOS (SEBOLIDO)

Snr. Director:

Remetto a V. a quantia de 3$600 réis que correspondem a tres annos que já estão cahidos da minha assignatura da «Voz de Santo Antonio» e mais 1$200 réis para o anno seguinte, envio-lhe mais ainda 500 réis d'uma promessa.

Pedi a Santo Antonio para me conceder uma graça de que muito necessito, logo que ella seja satisfeita lhe enviarei a quantia de 20$000 réis para ajuda do pão dos pobres.

De V. etc.

Manoel Lopes Corrêa da Rocha.

BRAGANÇA

Meu querido Santo Antonio. — Mais uma vez me prostro a vossos pés para vos agradecer a graça que acabaes de me conceder; tendo-me desapparecido um objecto, pedi vos, promettendo publicar a graça, e dar 100 réis para o pão dos vossos pobresinhos, e no mesmo instante o encontrei, agradeço-vos glorioso Santo Antonio.

Remetto os 100 réis promettidos, e 600 réis de duas graças mais, que me concedestes sendo uma d'ellas a saude de meu irmão. Não vos esqueçaes da vossa humilde devota.

Uma filha de S. Francisco. — *A. A. B.*

MARCO DE CANAVEZES

Snr. Director.

Como não saiba a quem hei-de dirigir-me afim de fazer entrega da inclusa quantia para o Pão de Santo Antonio, rogo a V. a graça e a caridade de tomar sobre si essa incumbencia. Agradece desde já, penhoradissima a De V. etc. — *J. Gomes.* — 4 | 10 | 902.

MEZÃO FRIO

Meu bondoso Santo Antonio. — Venho-vos agradecer a esmola que me fizestes permittindo que meu esposo principiasse a ganhar sem nós o esperarmos, isto logo pouco antes que eu vos escrevi a pedir-vos para que nos valesseis nas nossas afflicções.

Uma vossa humilde serva. — *C. P.*

COIMBRA

A. Bernardo de Bragança Pereira envia a importancia de tres mil réis, em notas do banco, para o Pão de Santo Antonio, pelas graças obtidas pela intercessão do Glorioso Thaumaturgo.

Coimbra 13 | 10 | 02.

LAMEGO — LAZARIM

Bemdito Santo Antonio, meu advogado em todas as minhas necessidades, offereço-vos 3$000 réis. Estão promettidos ha bastante tempo mas só que agora os mando. Ouvi-me sempre que eu vos prometto tambem o meu auxilio para os vossos pobresinhos.

Vossa devota. — *A. Vaz.*

MAFRA (LIVRAMENTO)

Snr. Director.

Peço lhe o favor de publicar na «Voz de Santo Antonio» o seguinte:

Meu Querido Santo Antonio. — Venho agradecer-vos meu querido Santo, todas as graças que me tendes feito, mandar o que vos prometti para os vossos pobresinhos, e tambem pedir-vos perdão de não vos ter enviado ha mais tempo.

Peço-vos meu querido Santo Antonio, que me protejais sempre, e agora que tanto careço da vossa protecção. — *Uma vossa devota.*

ELVAS

Snr. Director da Voz de Santo Antonio.

Envio a V. a quantia de 500 réis para o pão dos pobres de Santo Antonio que um devoto me entregou o mez passado. Instei para que declarasse a graça recebida mas consegui apenas saber que offereciam uns devotos.

De V. etc.

A Superiora do Hospital d'Elvas.

— O' glorioso Thaumaturgo Santo Antonio envio a supplica de dois devotos, da cidade de Lisboa.

Um pobre servo, perdeu uma carteira contendo talvez uns 15$000 rs. e veio para casa muito afflicto. Uma assignante da «Voz» prometteu ao amado Santo de publicar na «Voz de Santo Antonio» se fizesse a graça de apparecer a carteira com o dinheiro, pois sabendo-se quem a tinha achado a negou e entregue á policia insistia na negativa; e logo feita a promessa confesou o individuo o achado restituindo-o; e em cumprimento d'elle se publica.

Outra. Um homem que tinha um boi a morrer, e que era de bastante valor, luctando com uma grande afflicção, a mesma assignanta da «Voz», sabendo das muitas graças de Santo Antonio, disse-lhe: Prometta alguma cousa a Santo Antonio, e verá como o boi sára; o homem immediatamente fez a promessa de dar 2$000 réis ao Santo e ser assignante da «Voz» e o boi curou.

Snr. Administrador da Voz de Santo Antonio.

Remetto 500 réis para 1 almanach da «Voz de Santo Antonio», sobrando 180 réis para o pão dos pobresinhos.

Torres Novas 3 de Outubro de 1902. — *Fortunato Nunes da Conceição.*

Quantias recebidas n'esta redacção e levadas ao seu destino:

Entre-os-Rios (Sebolido).

Manuel Lopes Corrêa	500

Bragança.

D. Thereza Granja	200
A. A. B.	700

Vinhaes.

Recebido de varios devotos por intermedio da Ex.ma Snr.a D. Candida Falcão de Seabra	3$450

Ilha do Fayal (Flamengos).

Antonio Silveira de Medeiros Junior	200

Marco de Canavezes.

J. Gomes	200

Torres Novas.

Fortunato Nunes da Conceição	180

Mafra (Livramento).

D'uma devota	3$000
Idem d'uma devota	500
» » »	500

Elvas.

Recebido d'uns devotos por intermedio da Snr.a Superiora do Hospital	500

S. Thyrso.

Recebido por intermedio do Rev.o Padre André Araujo	1$540

Coimbra.

A. Bernardo de Bragança Pereira	3$000
A. Vaz	3$000
Total réis	17$470

Recommendações especiaes

As ordens religiosas em Portugal.
Os collegios catholicos.
As missões no ultramar.
Quatro conversões.
Duas vocações.
Tres almas.
Todas as petições depositadas nos cofres de Santo Antonio.
Uma familia desolada.
Um sacerdote.
Uma casa religiosa.
Uma alma.

OS NOSSOS DEFUNTOS

Pretiosa in conspectu Domini, mors sanctorum ejus.

Técla de Santo Hilario, (de Sobreiró) Vinhaes.
— *Francisco Fornos*, (de Ouzilhão) Idem.
— *Joaquim Lopes*, Idem.
— *Ubaldo João*, (de Lagarelhos) Idem.
— *Liberato Ortensia*, Idem.
— *Thereza de Jesus*, (de rio de Fornos) Idem.
— *Benedito Antonio Borges*. Eram todos membros da *Pia União de S. Antonio.*

Padre José Mario do Rozario, (Villas Boas) Barcellos. Era assignante da «Voz de S. Antonio».

R. I. P.

Secção scientifica-litteraria

AS GREVES

Simptoma de decadencia moral

DESILUDAMO-NOS.

Acabem todos os cantos de sereia. Por cima de todas as pompas e floreios da rethorica, appareça a razão, com toda a sua dignidade.

Tem-se dito, que o seculo ha pouco atufado no oceano dos tempos, foi de luz, de muita luz...

Tem se dito, que esse longo ciclo foi, incontestavelmente, a cornucopia de Amaltéa de todos os ideais fecundantes e grandes.

Tem se dito, que o impulso dado por esse extenso periodo, á humanidade, para o progresso, foi de valle a monte, foi titanico.

Mas não bastam affirmações gratuitas. Temos intelligencia; temos o raciocinio. Exijimos provas do que nos dizem. Queremos saber onde está o fundamento da ruidosa asserção.

.....

Não nos respondem. Impossivel justificar decisivamente o estrondeante asserto.

Sem tempo nem espaço para escalpelar a historia d'esse seculo gigante, d'esse fóco intensissimo, apresentaremos as conclusões categoricas que obtivemos mediante sérias cogitações e profundos estudos.

Sim! O seculo dezenove foi um seculo de luz, mas d'essa luz representada no scintilar das espadas, no fuzilar relampeante do canhão e na lava chameante do vulcão.

O seculo dezenove foi principalmente o reinado da guerra. Nasceu ao tinido furioso das espadas franczas encontradas com as da Europa inteira, e morreu ao som do canhão inglez, aniquilando a independencia da nação mais heroica de que nos fala a historia contemporanea, o que, por sua vez, foi,--sem contestação, a barbaria mascarada de civilização, destruindo o que ha de mais venerando em um povo: — a patria, o lar e a familia.

O seculo dezenove foi, sobretudo, a boceta do Pandora de todos os desastres e lutas infrutiferas, ou mesmo contraproducentes. Lutou o pobre e o rico, lutou o operario e o patrão, lutou o proletariado e o capitalismo, lutou a intelligencia e a materia, lutaram a Igreja e Satanaz.

A cornucopia de Amaltéa, unicamente apparece na scena d'essa grande representação de cem annos, como uma interrogação, como uma excrescencia, como uma parte addicional.

O que avulta é a destruição: ruiram os velhos thronos com o absolutismo dos reis; desmembraram-se os pequenos estados; abalaram-se as instituições e crenças antigas; exterminou-se a paz e o socego dos povos; afundaram-se altissimos ideais; aluiu-se a ordem social estabelecida: duvidou-se das verdades mais sólidas e fundamentadas; o progresso encurtou a duração das vidas; envenenou-se moralmente a humanidade com doutrinas desmoralisadoras, com o romance impudente e com jornalismo chato e revolucionario, e, para dignamente rematar a obra eminentemente civilisadora do grande século, aniquilou-se o secular patrimonio dos papas.

Houve progressos brilhantes e aproveitaveis, não ha duvida. Conhecemos a electricidade e o magnetismo com as mais extraordinarias manifestações e applicações Conhecemos a telegraphia electrica e sem fios, o telephone, o phonographo, o automovel, a locomotiva aperfeiçoadissima, e mil inventos utilissimos na industria.

Conhecemos o canhão, a coisa mais estupida e barbara de que ha memoria, que nos faz pasmar á vista dos seus continuos progressos, dos incessantes melhoramentos que recebe e que têm levado ás raias do coquetismo o canhão que nos põe as faces da côr do mais fino escarlate de roman, ao attentarmos, que, em tempo algum, a humanidade produziu meio mais apropriado a destrui-la a ella propria, do que na epocha do humanitarismo, da philantropia e do altruismo.

Conhecemos tudo isto e o mais que fica por dizer. Mas isso é a affirmação do predominio da materia ou pouco mais; o que é o mesmo que attestar o reinado da desordem e do desiquilibrio na economia actual da creação.

Progrediram as sciencias physico-mathematicas, progrediram a mechanica e a industria. Moralmente, porém, recuou-se, retrogradou-se muito.

Chegamos a ver quasi revirados os ultimos fundamentos da sociedade.

Por um paradoxo quasi inconcebivel, abraçaram-se os tempos étnicos com a desorganisação social contemporanea, nas reinvindicações das classes baixas e no desdem leonino da aristocracia e do capitalismo para com estas.

Ahi estão, para falar mais eloquentemente do que nós, os attentados anarchistas contra todos os indispensaveis sustentaculos da jerarchia social, como a mais viva imagem dos ominosos tempos, em que o ser ou não ser estado independente, ser ou não ser imperador, dependia do mais leve aceno das altivas aguias do Tibre ou da espada do mais inferior legionario.

Ahi estão sobretudo as greves, a mais

authentica representação d'aquelles cruentissimos combates, em que muitos milhares de escravos, mais raivosos do que féras, disputaram ao povo-rei a liberdade e a independencia.

Então era o direito natural esmagado, erguendo-se contra as usurpações illegitimas da força dominadora. Hoje, succede por vezes o contrario. Hoje, é não raro o despotismo da força impondo se e usurpando direitos inalienaveis.

Não ignoro que o operario, em muitas partes, é, ainda hoje, o escravo aperfeiçoado dos tempos pagãos, espesinhado pelo rico insaciavel, pelos monopolistas e pelo usurario, assassinos encartados da paz e da felicidade domestica do proletariado.

Mas tambem não ignoro que as greves são, maximamente, a linguagem pratica do vicio, da corrupção e da libertinagem exigindo privilegios, isenções e indemnisações indevidas ou immerecidas, não para augmentar o bem estar e a prosperidade da familia, fundamento da sociedade, o que, depois de tudo, seria respeitavel e sympathico; mas para apressar a derrocada social pela immoralidade, pelo reinado mais vasto do vicio e pelo apodrecimento das classes baixas.

Não são de ordinario outra coisa as greves.

Para nós, ao menos, as greves são o mais grandioso e eloquente protesto contra os declamadores do adiantado moral da nossa civilização. São a continuação da esteira vulcanica d'essa espantosa erupção social de 89, em que, olvidada ou posta de parte a reciprocidade dos direitos e deveres de todos, foi proclamada ao mundo a reinvindicação, exclusiva, dos direitos do homem.

As greves são uma nova forma da guerra civil. Não se eduque e moralize o operario a tempo, e nós assistiremos, infalivelmente, á completa subversão dos estados e da ordem social pela propria sociedade, em tremebunda luta fratricida.

Allega-se, frequentemente, como causa das gréves a questão do augmento do salario. Erro.

Então, porque se repetem ellas entre os operarios, a quem por mais de uma vez foi augmentado o salario, acima ainda do justo?

Erro pois. Não póde ser. Haverá, uma ou outra vez, vislumbres de justiça, n'essa maneira ultra-estupida de reclamar dos patrões o augmento do salario, e, portanto, vislumbres de justiça tambem n'essas reclamações. Mas, preciso é procurar n'outro fundamento a causa verdadeira das greves.

A causa da greve, é a falsa noção da liberdade e da egualdade, diffundida por toda a parte, e a pasmosa desmoralização de todas as camadas sociaes.

A causa da greve, está nas ideias evangelizadas pelos apostolos das utopicas doutrinas socialistas. Está no jornalismo perverso, espalhado impunemente por fabricas, officinas e salões de leitura, e lido, sofregamente e sem criterio, pelos operarios e artistas. Está no luxo desmedido, com que se esforçam muitos d'estes por competir com as classes abastadas e nobres, quando apparecem em publico, curtindo em casa com a familia uma enorme miseria ou tirando da bocca dos filhinhos o indispensavel á vida, e morrendo até de fome, muitas vezes só para têr o prazer insensato, de apresentar, na grande roda e no theatro até, uma filha trajando como uma princeza.

A causa da greve, acha-se facilmente nos estragos causados na intelligencia e no coração do operario pelos habitos e inclinações ruins, e na dependencia absoluta em que elle se encontra, depois, para com o vicio, que o chega a imbecilizar de todo.

A causa da greve reside na vida vadia, na libertinagem despejada, na corrupção de meretricio e de monturo que alastra pelo subsolo social, e que, mormente nos grandes centros, chega a ser quasi uma segunda natureza das camadas inferiores.

A causa da greve, resulta da falta de educação social do povo, e do meio inepto e até contraproducente como os governos reprimem esses levantamentos operarios. Não é com o fio da espada, com o fuzilar das espingardas, com o tropear simultaneo da cavallaria esborrachando tudo que se lhe oppõe, que se transformam as más inclinações, se illustram e regeneram esses ignorantes e desgraçados.

A greve é o symbolo do indiscutivel atrazo, do retrocesso moral da sociedade hodierna.

O operariado em greve, é a sociedade insurgindo-se contra si propria, meditando a sua infalivel destruição, rasgando se as entranhas com suas proprias mãos.

A prova está a resvalar dos bicos da pena.

O operariado é ainda, louvado Deus, a maior parte dos homens, trabalhando pela sua subsistencia e pela conservação da humanidade inteira.

O operariado é a alavanca de Archimedes, sustentando e movendo, a seu belprazer, a humanidade e o mundo.

Quando o operario deixar de trabalhar, quando desamparar a ferramenta a um canto da officina, e abandonar o arado no meio da planicie, a vida humana será uma palavra vã e sem significado, porque deixará totalmente de ser. Sem a pedra angular, todo o edificio social desabará.

Quando as classes laboriosas baixarem de todo na craveira dos costumes, o termometro moral acusará, por toda a parte, uma depressão formidavel, prenuncio certo de grandes cataclismos, que arrastarão, após si, o aniquilamento da ordem social e da vida humana.

A marcha prospera da sociedade atravez de todos os acontecimentos, depende portanto do operariado, que, por isso mesmo, é a maior força moral que se conhece.

Logo o operariado em greve é a sociedade insurgindo-se contra si propria, destruindo-se a si propria, aniquilando a sua propria existencia; porque a greve é o symbolo flagrante da guerra social, e a guerra é o symbolo iniludivel da destruição.

Logo, a greve é a maior força destruidora da actualidade, moral e phisiologicamente mesmo.

(Continúa.) VICTOR.

BIBLIOGRAPHIA

Padre Francisco Sequeira — No Sanctuario. — *Typographia de Fragoso & Leonardo, Portalegre.*

Tem sido muitissimo elogiados os trabalhos poeticos d'este reverendo e illustrado ecclesiastico, na imprensa catholica.

Conhecemos apenas o folhetinho de sessenta e tres paginas, que aqui noticiamos; a julgar por elle o auctor mostra conhecimento da arte poetica e inspiração religiosa. E' talvez esta ultima qualidade a de mais valor n'este pequenino trabalho. As trinta composiçõesinhas que encerra o presente volume, são uns trinta pequeninos psalmos religiosos em que o auctor suspira e chora, louva e engrandece o poder e amor de Deus, são a cópia de um coração religioso crente e piedoso.

N'este particular o trabalho poetico de que fallamos não deshonra a profissão do auctor, como a outros tem acontecido não poucas vezes.

«No Sanctuario» não é uma obra de genio, um poema que passe á posteridade, mas é um livrinho, são uns versos que se podem lêr por todos, creanças e homens, sem perigo de corromper o coração, qualidade tanto mais apreciavel, quanto mais rara em poetas de hoje.

Padre Silva Gonçalves — O meu coração. *Com o retrato do auctor e uma carta prologo do dr. Alberto Pinheiro.*

Não julguem os leitores que lhes apresento um tomo de versalhada, d'essa mixordia a que chamam tyrannamente poesia certos poetastros dos nossos dias. Não. O MEU CORAÇÃO é um tomo de quasi 220 paginas de poesias saborosas, harmonicas e que fálam ao coração. Sou muito exigente em assumptos d'estes. De quantos milheiros de poetizadores que para ahi andam a cantarolar, apenas uma escassa meia duzia me roubam um pedaço de tempo para lhe pôr os olhos, mas no MEU CORAÇÃO, e que bom coração deve ser o que chora magoado

E ha tanta magua sublime!
e tanta miseria e dôr!.
victimas de tanto crime
morrendo a sede de amor!.

Ha lagrimas tão ardentes!...
tão lancinantes gemidos!...
desolados penitentes!...
tantos corações partidos!...

Ha n'este ingrato deserto
tanto desgraçado em vão
a pedir, para o seu erro,
os carinhos do perdão!

Ha tantos hombros sem manto...
e lares sem fogo e pão;...
olhares roxos de pranto...
a pedir consolação..

no MEU CORAÇÃO li muito e reli e saboriei muitas das suas poesias, e é pelas achar artisticas, quero dizer bem metrificadas, cadentes e harmonicas, e por ellas respirarem o perfume suave da poesia christãmente sensibilisadora que recommendo a obra do poeta realmente inspirado, do Padre Silva Gonçalves, aos meus leitores amantes da poesia.

Futuramos ao auctor um largo triumpho no porvir, um logar emminente entre os cantores lyricos da poesia religiosa e sagrada, se continuar a desferir em sua bem construida lyra as pulsações do seu coração.

O auctor orientou se na parte artistica pela escola de Castilho e Thomaz Ribeiro. Fez bem em deixar de parte os modernos que nunca conceberam, ao menos pelas suas obras assim o parece, os segredos d'esta bella arte.

Para modêlos de inspiração religiosa, sagrada e mistica têm no reino vizinho o illustre terceiro de S. Francisco, Jacintho Verdaguer, o restaurador da poesia franciscana, e cá o distincto poeta religioso, honra da companhia de Jesus, o Padre Campo Santo.

E' necessario mostrar aos poetas profanos que a verdadeira inspiração artistica está na religião, que as verdadeiras flôres da poesia crescem á sombra dos braços da Cruz. Espero que o poeta Padre Silva Gonçalves, n'esta tarefa humanitaria será um cooperador distincto.

CAIRO : PONTE DE KASK-EL-NIL

RUINAS DO TEMPLO DE CHAFEA

J. — K. Huysmans. — A caminho — *(Confissões) Traducção de B. da Costa Pereira.— Povoa de Varzim. Livraria Povoense editora de José Pereira de Castro.*

Ainda ha pouco que encarecemos um bello trabalho de Huysmans na nossa revista: Santa Lydwina de Schiedam O mesmo editor lança ao mercado outro bello trabalho do mesmo auctor que muito concorrerá para a moralisação dos costumes se fôr lida pelo publico.

Não pensem que o «A caminho (Confissões)» é uma obra de profundo ascetismo; é um romance de 430 paginas onde o auctor com encantadora e franca ingenuidade descreve a sua conversão, os sentimentos da sua alma na triste situação d'aquelle *quero* da razão e da consciencia e o *não quero* da vida velha das crenças primitivas. E' um bello romance religioso e está dito tudo.

Praza aos ceus que a grande propagação d'este romance faça decrescer a torrente caudalosa das publicações romantico-pornographicas que tantos estragos fazem na moral publica.

Gomes dos Santos — Origem do socialismo. *Porto, Typographia de José Fructuoso da Fonseca. 72, Rua da Picaria, 74.*

Ninguem que lê alguma coisa duvida do desenvolvimento do socialismo, do triumpho que dia a dia vae conquistando em todas as nações. E quem tiver reparado com um pouco de attenção nas suas theorias e praticas reconhecerá que este é mais um cancro que corroe a sociedade hodierna. Desmascarar os seus intentos, trazer á luz publica para que todos vejam as suas utopias o ridiculo dos seus systemas, a incoherencia e contradicção dos seus chefes e seus desenganos praticos, emfim virar de dentro para fóra toda a canalha socialista que grasna inquieta, por esse mundo abaixo, eis um trabalho de um grande alcance e de extrema necessidade. Pois foi o que fez nas suas «Origens do socialismo» o escriptor Gomes dos Santos, que tanto tem escripto sobre este assumpto e congeneres. Não é um livro grande um *infolio*.

E' um folheto de propaganda para as pessoas, que teem pouco tempo para maiores leituras, fazerem uma ideia clara d'esta questão social a que chamam socialismo.

Comprehende duas partes.

Na primeira estuda os **precursores** do socialismo, os que prepararam o campo. Na segunda analysa os **fundadores**, os que semearam, os que lançaram os fundamentos d'este nefasto edificio. N'esta parte faz um estudo sobre as obras dos principaes chefes do socialismo e uma critica sucinta mas clara e racional.

Cathecismo do Pará.—Nova edição.

E' um tomosinho encantador ornado com lin-

das gravuras. Como cathecismo é um dos melhores que temos recebido e que aconselhamos de preferencia a qualquer outro.

E' um cathecismo e um livro de missa ao mesmo tempo, comprehendendo tambem o resumo das obrigações dos varios estados da vida christã.

Deve ser o primeiro livrinho que os paes e professores escolares devem metter nas mãos das creanças que começam a lêr.

Tem 254 paginas e custa apenas 200 réis com abatimento de trinta por cento para casas de ensino.

Historia de Nossa Senhora desde a sua Annunciação até á sua Coroação no céu, *por Joaquim José Ferreira, professor official de Villa Boa de Quires. Edição illustrada com 30 gravuras. Porto, Livraria Catholica Portuense de Aloysio Gomes da Silva. Editor. 53, Largo dos Loyos, 54.*

E' uma obra que tem alguma coisa de novidade e que um devoto de Maria não se descuidará de comprar. Ser devoto de um santo sem lhe conhecer a vida e as virtudes, não é devoção fundada e racional. E quantos devotos de Maria não ha que não conhecem a historia da sua vida publica?

Pois o auctor mariano Joaquim José Ferreira, desenvolveu-a n'um tomo de 132 paginas com elegancia e piedade.

Manual de Levanderia e engommagem, *por Fanny L. Calder e E. G. Manu, traduzido do inglez por J. A. Bastos. Livraria editora, 5, Largo de S. Domingos, 6 — Lisboa.*

E' completissimo este manual nos artigos referentes á arte de lavar e engommar. As pessoas interessadas n'estas artes teem n'este folheto de 88 paginas um guia seguro, pratico e claro. Braga, Imprensa Henriquina.

Collegio de S. Joaquim, em Chaves — A minha defeza, *pelo Padre Joaquim Marcellino de Fontoura.* — Braga. Imp. Henriquina.

Os conhecidos e amigos do reverendo auctor d'este folheto, e os bemfeitores da sua boa obra gostarão de lêr estas linhas sinceras d'uma boa alma.

As familias trasmontanas que teem filhos que educar no caminho das lettras e da religião não perderão o tempo em lê-las para formar um conceito justo da obra civilizadora e christã do reverendo Padre Joaquim Marcellino de Fontoura.

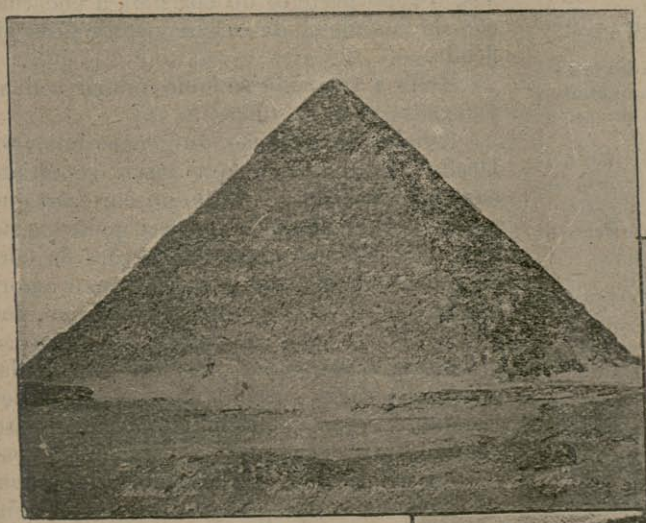
Relatorio de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga; para estudantes pobres. — *Anno lectivo de 1901 a 1902. Braga, Pap. e Typ. Universal.*

Os leitores verão por este relatorio o incremento scientifico e religioso d'este magnifico instituto de ensino ecclesiastico.

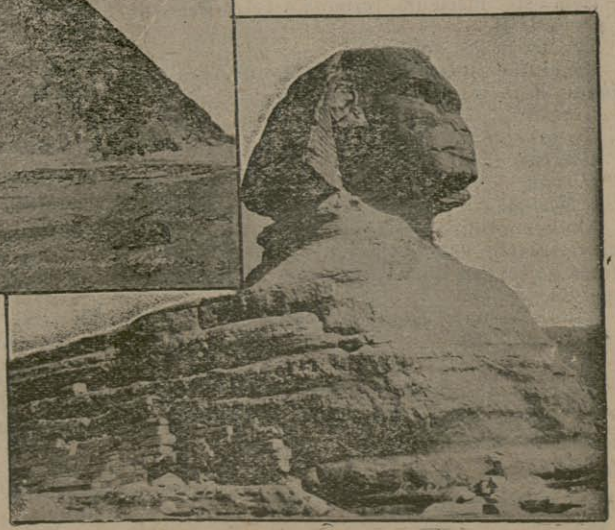
Devido ao zelo infatigavel do seu conhecido fundador este seminario, é um dos mais bem disciplinados do paiz.

Recommendamos ás almas caritativas as necessidades materiaes d'esta obra de tão grande alcance para a preparação dos aspirantes á vida ecclesiastica.

Obras Oratorias de S. Leonardo de Porto Mauricio. — *Recebemos e muito agradecemos as cadernetas n.os 9 e 10 d'esta importantissima obra que a Empreza da «Revista Catholica» trazem publicação, e que contem os seguintes sermões:*



A GRANDE PYRAMIDE DE CHEOLOS



A ESPHINGE

Do momento da morte — Das almas do purgatorio — Do pequeno numero dos escolhidos — Da maledicencia — Da morte — Do peccador do habito.

Mais uma vez recommendamos aos nossos assignantes e leitores a acquisição d'estes bellos sermões por assignatura, porque, finda a publicação, o preço é elevado por ser muito resumida a impressão, além da assignatura.

Todos os pedidos devem ser feitos á Empreza da «Revista Catholica», Vizeu.

Atlas de Geographia Universal.

Temos presente o fasciculo 36.º d'esta primorosa publicação, que, pela sua utilidade e inexcedivel execução artistica, tão bom acolhimento tem tido por parte do publico que deseja instruir-se.

O fasciculo a que nos referimos occupa-se da **America do Sul** (1.ª parte) da qual insere um soberbo mappa a côres. Acompanham tambem a parte descriptiva d'este paiz as seguintes gravuras:

Nos llanos; Santa Fé de Bogotá (Colombia); **Egreja de S. Francisco** (Panamá); **O Chimborazo** (Equador); **Cuzco** Perú; **O Illimani** (Bolivia).

Esta util publicação, que tem obtido um extraordinario acolhimento, continua a assignar-se na empreza editora do «Atlas de Geographia Universal», Rua da Boa Vista, 62. 1.º, Lisboa, e em todos os seus agentes das provincias.

Diccionario Apologetico da Fé Catholica.

Está em distribuição mais um fasciculo, o n.º 23, d'este excellente Diccionario.

A regularidade com que está sendo feita a publicação, tem dado logar a que todos os dias se inscrevam novos assignantes, receiosos de que se esgote a edição.

Bom é, que assim succeda para que não deixem de possuir, os retardatarios, uma obra de tanto valor e merecimento.

Com este fasciculo, termina a letra **G**, e entra parte da **H**.

Summario dos artigos:

Conclusão do monumental artigo *Gallileu* que abrange 35 pags., de J. B. Jaugey;

Gedeão;
Geração espontanea;
Governo (fórmas de);
Hiresia
e *Homem.*

Ainda continua a assignatura aos volumes ou fasciculos, sendo estes ao preço de 100 reis, de 48 paginas de texto a duas columnas e em typo muito legivel.

Editor Antonio Dourado — Rua das Flores n.º 42, 1.º — PORTO.

Collegio do Rosario da Villa Real. — *Fundador e proprietario Mgr. Jeronymo Teixeira de Figueiredo Amaral. Director — Padre Damião Martins. Braga, Papelaria e Typographia Universal.*

Fundado em 1892, este collegio tem continuado sempre com zelo incansavel na obra sublime da educação da juventude — na preparação da materia prima da sociedade de amanhã.

Que nunca as forças espirituaes e a coragem necessaria aos apostolos do bem faltem aos seus director, fundador e professorado para que os collaboradores da Voz de Santo Antonio tenham o prazer de lêr todos os annos um relatorio como o d'este anno.

E' o que fico implorando a Santo Antonio e o que recommendo aos devotos do Thaumaturgo portuguez.

As nossas illustrações

I — SANTA THEREZA DE JEEUS — Uma freira!... uma freira no seculo XX e depois de termos jurado o exterminio de tudo o que cheira a monasticismo ... E' irrisão, ou imprudencia?!...

Nem uma coisa nem outra, senhor *libaral.* E' uma freira sim, ou antes a fundadora ou reformadora d'uma Ordem religiosa; é uma freira: mas uma freira que a Igreja collocou nos altares e a quem todo o libaral catholico de *cerebro e coração* deve tirar o seu chapeu. E' Santa Thereza de Jesus, o typo perfeito do christão, a encarnação da virtude ou da mesma virtude personificada.

Toda a sua vida se pode reduzir a duas palavras: amar e soffrer.

Amar é a aspiração do genero humano. Desde o cabouqueiro que vive sepultado nas entranhas da terra até ao cortezão que passa o dia repimpado na sua poltrona no meio dos prazeres e das distracções da côrte, todos amam todos vivem para o amor. Interrogae-os todos porque se afadigam, por que passam a vida labutando no meio das privações, e responder-vos-hão sem duvida, porque ha entes queridos que lho assim demandão. Perguntae ao aulico, porque passa horas e horas no toucador? e responder-vos-ha, porque ama. Christo mesmo fez do amor um preceito, o seu preceito por excellencia em que se cifra todo o complexo das virtudes christans.

Mas não foi o amor que leva os mundanos aos passatempos, que amargura a vida e enfraquece a saude, que ardeu no coração de Thereza. Fitou os olhos no alto e para lá dirigiu todos os affectos do seu coração.

Foi este amor que a tirou da casa pa-

terna para correr atraz do martyrio; foi este amor que a fez arcar ainda como o amor paterno para se ir internar n'um mosteiro, foi ainda este amor que a levou a emprehender a reforma da sua religião, era ainda este amor, que a obrigava a passar noites e insomnias diante do tabernaculo extasiada exclamando:

Ou soffrer ou morrer, ou soffrer ou morrer!

Como é sublime o amor dirigido a Deus! Quanto é encantadora uma alma pura que só pensa em Deus, só por Elle suspira e só Elle é o alvo de todas as suas affeições!

Amor e soffrimento são inseparaveis. Quem ama soffre. Não se pode beber na taça do amor, sem tambem provar as fezes do soffrimento. E quem amou mais que Thereza?

Ninguem, e tambem ninguem foi mais attribulado no caminho da perfeição a que ella continuamente tendia.

Quantas difficuldades da parte dos grandes para levar a reforma ao fim! Quantos dissabores da parte de seu mesmo p:e e irmã, quando desejou adsererever-se á vida religiosa! Quantos obstaculos houve de superar da parte de seus mesmos irmãos da religião! E todavia caminha impavida por este mar de tribulações com a mira fita em Deus. Amar e soffrer, eis o brazão de Thereza e de todos os filhos da Cruz! Amar e soffrer é o iman quê lhe attrahe os corações! Amar e soffrer foi a herança que legou a seus filhos á hora do seu passamento; herança que elles teem fruido abundantemente n'este seculo de descrença e egoismo!

Que querem senhores? A liberdade? Mas a liberdade perseguiu entes indefesos só porque amam e soffrem? A liberdade conduziu ao carrasco os que de dia e noite estão adorando e amando o mesmo Senhor a quem elles prestam vassalagem? E' liberdade perseguir os que, emquanto os perseguidores se entregam ás paixões mais degradantes, se consomem pedindo o bem estar da humanidade?

Triste conceito de liberdade!

Essa era a liberdade de Nero e Diocleciano, cujos nomes a historia já de ha muito stygmatisou, e de futuro passará os vossos á posteridade marcados com o mesmo ferrete.

Se não temeis Deus, se não amais os vossos irmãos, temei a posteridade, amae a vossa memoria.

*

* *

II — Cairo: ponte de Kask el-Nil. — Ruinas do templo de Chafea. — A grande pyramide Cheoi os. — A esphinge — Estou a adivinhar o pasmo, que vão causar no lar dos meus leitores do campo, estas quatro illustrações, principalmente as duas ultimas.

— O' Zepha! queres vêr?!

Exclama o tio Lopes arregalando os olhos encarnados nus de pestanas para a pyramide e esphynge.

A tia Zepha deixa a panela do caldo e corre com as mãos nas ilhargas.

— Olha que carão e que picôto!...

E tapando a cara com as mãos.

Ai santo Deus! Nem os sonhos que a gente tem nas noites de cruezas de estomago.

— O' João anda ver!...

Chama pelo mano o menino Filippe.

— Olha que retratos assim nunca vieram no jornal de Santo Antonio.

— E é cabeça de mulher. — Disse o tio Lopes.

— Isso é que ella não é. E' cabeça de homem.

— Então não vês que não tem chapeu nem barbas, e que tem na cabeça um lenço ou touca, ou que demonio é aquillo que lhe cae para traz das orelhas?

— Na la, meu amo, — disse a creada Gertrudes, que deixou a fornada que estava amassando, — isso é um bicho grande, mas dos grandes lá das Africas Orientaes, que dizem que os ha lá grandes, grandes.

— Nada meu pae, o sr. mestre diz que ás portas do inferno está um desmarcado espirito, que não deixa entrar os bons meninos, e empurra os maus, olhe que provavelmente deve ser elle. E, Santo Antonio, como é feio! Deus nos defenda.

— E o picôto que elle tem atraz do cabeço! — Continúa no extasi admiratorio o tio Lopes — Olhae que é muito mais alto e barrigudo que aqui o nosso.

João e Filippe sem despregar os olhos da «Voz».

— Mas quanto mais!

— Não póde ser picôto, — objectou a tia Zepha de mãos nas ilhargas. — Isso

deve ser alguma casa ou palacio dos mouros de que falava minha mãe que Deus haja.

— Uma casa ! — redarguiu o tio Lopes. — e a porta e o telhado e as janelas ?.. e assim esguia e aristalhada !...

— Talvez seja alguma méda de rama de pinheiro, do Brazil — accrescentou o pequeno Filippe.

Nada de isso meus amigos. Vou dizer-vos em duas palavras o que isso é. Mas antes de mais nada ouvi uma lição de historia antiga.

Tendes ouvido falar da Africa, para onde vão os degradados ? Pois para o Norte d'essa parte do mundo, onde vivem os pretos, para a sua cabeceira, ha um reino, chamado Egypto, para onde fugiu Nossa Senhora com o Menino Jesus. Fica ahi para baixo de Portugal, em passando o mar e carregando á esquerda indo de cara ao sul do nosso reino.

Esta terra já é velha, muito velha, é dos reinos mais velhos do mundo. Quando Jesus veio ao mundo já vivia ha muitos seculos.

Mas o mais curioso para vós é o modo de vida que levava aquella gente antiga que fica já lá muito atraz dos nossos trisavós. Não vivia como nós hoje vivemos, tinha outros usanços.

Não adoravam o nosso Deus, o Deus que Adão ensinou a seus filhos ; desconheciam-no absolutamente. Em logar do verdadeiro Deus, adoravam os astros, principalmente o sól e a lua, por serem mais formosos e chamavam-lhes o deus Osiris e o deus Isis. Certos animaes serviam-lhes de deuses secundarios. Taes eram : o gato, o rato, o lobo, o boi, a cegonha, o falcão e outros.

Como estes animaes eram para elles o que é para nós a Santa Hostia dos nossos sacrarios — um Deus; matar qualquer gato rato ou cegonha era para então um crime enorme, como para os christãos seria — Deus nos defenda — esfaquear as Santas Particulas. Ai d'aquelle, que por descuido que fosse, matasse qualquer d'aquelles animaes !

Um dia um soldado romano, como era estrangeiro não sabia as usanças d'aquella gente, atirou uma pedrada a um gato com tal força e geito, que tombou o deus forte.

Pois, meu amiguinho, por mais que o rei intercedeu por elle, porque tinha mêdo dos romanos, o povo não lhe deu ouvidos, esfrangalhou o pobre soldado.

O rei dos deuses animaes era o celebre Boi Apis.

Era um toiro malhado para cuja sustentação concorria todo o reino ; os ricos inchavam-se por poder sustenta-lo á sua custa algum tempo, os pobres lastimavam não poder faze-lo. Imaginae, em que cama não deitariam o deus de cornos e cauda, o que lhe dariam de comer, com que aguas cheirosas o não perfumariam, como andaria coberto de ricas colchas, sempre rodeado de grande acompanhamento de pessoas elevadas, e as lamurias e lutos e lagrimas quando adoecesse ou quando morresse. E para lhe arranjar successôr malhado como elle? Isso é que eram cuidados. E se o substituto não apparecesse logo que morresse ? isso é que eram lagrimas e preces ao sol e á lua !

Como vêdes n'aquelle tempo valia mais a pena ser animal que ser homem, pelo menos um toiro malhado. Vêde meus amigos que trevas, que cegueira, que ignorancia a d'aquelle povo. E notae que a humanidade antes de Jesus vir ao mundo era quasi toda assim.

Imaginae por um instante que Jesus não veio ao mundo dizer-nos que ha um só Deus que creou o mundo e tudo que existe etc... o que sabeis hoje do ceu e do destino do homem, que estaes no meio d'essa cega gente.

Teriamos não um templo com o Jesus no sacrario, e as imagens da Virgem Nossa Senhora e dos outros santos nos altares para derramarmos nossas lagrimas de afflicção deante do Coração de Jesus e dos santos, valiosos protectores nossos; mas uma casa grande cheia de cadaveres de gatos, ratos, cegonhas e outros animaes, estatuas representando o sol e a lua e ao meio de toda esta feira de gado o Boi Apis, e o toiro malhado, e nós, cegos sem conhecermos nada do lindo ceu que Deus nos ha de dar, prostrados perante essa bicharada toda a orar respeitosos e humildes.

Que baixeza e rebaixamento para o homem implorar soccôrro e força aos entes mais fracos e desintelligentes que elle !

Pois é o que seriamos hoje sem a religião que Jesus nos ensinou e estabeleceu e que nos explicam os padres.

Bemdicta religião que abriu os olhos da humanidade!

E ainda ha, meus amigos, quem nos diga mal d'ella e dos padres que a ensinam!

Quando algum dos mações da vossa freguezia vos vier com as cantigas do costume pespegae-lhe com esta.

Mas afóra esta cegueira a respeito da religião, tinham certas praxes que ainda podiam, e era bom que estivessem em moda mais ou menos.

Por exemplo:

Nenhum baile, banquete, espectaculo, ou reunião semelhante, podia começar sem estar presente uma figura.... sabeis qual era?.... um esquife occupado por um cadaver, ou imagem de defuncto. Os portadores d'este estranho andor abeiravam-no de cada convidado e diziam lhe com voz solemne: *come, bebe e alegra-te que eis aqui o que serás algum dia.*

— Bons tempos esses! Se isso se fizesse ainda hoje, não andaria a rapaziada de hoje com a cabeça tanto pelas estrelas!...

E' verdade tia Zepha. Se a gentinha nova do nosso tempo pensasse mais na morte como vossemecê e os da sua edade, não gostariam tanto d'essas diabolicas brincadeiras onde aprendem o que não deviam saber, onde o démo tem sempre parte e Deus nunca.

E porque emfim sempre é certo o que cantavam as môças do seu tempo:

A mulher e a gallinha
pouco devem passear:
a gallinha leva-a o bicho
a mulher dá que fallar.

Mas tia Zepha, já que não pode amarrar a gente nova ás pernas da preguiceira da cosinha como cão a uma estaca, ao menos diga-lhe á má cara e sem vergonha, como costuma fazer, que se lembrem da sentença da velha gente do Egypto: *dança e alegra-te, que um dia serás cadaver.* Pode muito bem ser que lembrando-se no voltear doido da dança, que ao terminal-o pode leva-las a morte para o esquife, tenham os seus remorsos e vão ganhando desgosto por aquella infernal mania.

Ora experimente.

Ainda tinham mais boas usanças aquelles velhos.

Quando se tratava de julgar qualquer criminoso, os jurados, juiz e testimunhas antes de começar o julgamento, juravam deante do rei, não lhe obedecer se elle se imposesse para fazer vingar a sua vontade contra a justiça.

Se isto ainda estivera em uso tio Lopes! Hoje que a consciencia, a justiça e a honradez e a palavra de honra se vende e regateiam como os feijões e as cebolas na praça!

Não pode passar pela malha o seguinte:

Quando morria qualquer egypcio, rei que elle fosse, era julgado pelo povo antes de ser mettido no sepulchro.

Reuniam-se todos em volta do caixão; os juizes presidiam ao acto. Não havia acção por mais insignificante que fosse que os inimigos do defuncto não trouxessem á baila. Os amigos defendiam-no e contrapunham os seus actos religiosos. Era um verdadeiro julgamento. Se o defuncto saia mal julgado era privado das honras funebres, e de sepultura. O seu cadaver era abandonado aos animaes, ou queimado, ou deitado ao mar.

Com que cautelinha, tia Zepha, não andariam os nossos reis e principes e grandes, de quem se falla tão mal, se contassem com um tal julgamento antes de serem levados para os ricos jazigos de sua familia? Com que vontadinha não lhe cairia em cima a tia Zepha se podesse assistir-lhes ao julgamento?

A maior parte da gente môça da sua freguezia ficava sem sepultura.

Ao menos, tia Zepha, prégue aos da sua freguezia que não lhe agrada; diga-lhes que já não está em uso julgarem os vivos, aos mortos, mas que isso é o menos; o peor e o que ainda ha e haverá é o julgamento de Deus a quem não escapa uma palavra ociosa.

Hoje, tia Zepha, até se enterram em sagrado os que se matam, os mações e toda a casta de má gente. Mas Deus lá espera os enterrados e os enterrantes.

Muitas mais usanças boas tinham que serviam de lição para os sabichões de hoje, mas é tempo de vos dizer o que é este *carão* e este *picôto*, como lhe chamaes.

Vamos a isso.

A cegueira d'aquelles velhos de então chegara a crêr que a alma humana ficava agarrada ao corpo do defunto como carrapato ao coiro da cabra, ou carraça a orelha de cão. Ceu, anjinhos, musica celeste,

uma eternidade, santas alegrias, nada d'isto sabiam ; a alma segundo as crenças d'elles ficava nos sepulchros, que então eram umas furnas subterraneas cavadas em rocha, como grilo no boraco ; quando o corpo se corrompesse lá se ia ella.

Imaginem as precauções, as artes que empregariam para evitar a corrupção dos corpos, como procurariam eterniza-los para obstar á morte da alma. E o certo é que em questão de embalsamar ninguem lhe chegou ; ainda hoje se encontram corpos inteiros, mirrados e sêccos a que chamam mumias.

Depois de fazer todo o possivel para que o corpo não apodrecesse, tratavam de construir sepulchos magnificos que podessem ser habitação decente da alma e do corpo — de todo o homem.

Podeis fazer ideia das despezas feitas pelos reis e ricos homens de então na construcção dos jazigos de familia, que deviam ser o seu paraizo, o ceu, a habitação eterna d'elles.

Ainda hoje encontramos de pé muitos, que teem resistido e resistem, como velho de sete folegos, á acção do tempo.

Chamamos-lhe pyramides do Egypto, e são edificios no gosto do *picôto* que aqui vedes. Começavam em base, ou alicerces quadrados, de quatro lados e ia encurtando até terminar em um pequeno patamar. Esta era a parte externa do jazigo. A subterranea era composta de salões e corredores de abobada, onde enfileiravam os corpos embalsamados dos homens e dos animaes sagrados.

A parte exterior chegava a ter mais de duzentos metros de altura e mais de cento e tantos de base.

De uma diz um historiador que trabalharam n'ella cem mil operarios e durante trinta annos.

Vêdes pois que o objecto da vossa admiração, o *picôto*, como vós lhes chamaes, é uma pyramide do Egypto um sepulchro da gente de então, mas um sepulchro muito mais alto que muitas casas do Sr. Abbade da vossa freguezia, acastelladas.

Aquella gente tudo quanto juntava era para levantar um jazigo onde vivessem depois de mortos, para construir o seu paraiso. Assim os christãos fossem cuidadosos em construir com boas obras — bons predios — assim juntassem cabedaes de merecimentos para construir uma habitação no ceu ; mas ainda n'este ponto os egypcios nos levam a palma.

Quanto á *caraça* que tanto vos espantou foi mais o mêdo que outra cousa, porque não é nem bicho de Africas orientaes, nem espirito que esteja ás portas do inferno, nem nada de isso.

Para fazer ideia do seu tamanho imaginae uma cabeça de mulher das mais feias que conheçaes por ahi; mas tão grande que podessem lá viver muitas feiras das mais concorridas das vossas vizinhanças. Pendorae-lhe uns cabellos muito mais compridos que duzias de cordas de carro ; encurvae-lhe uma testa mais volumosa que um enorme rochedo, abri-lhe dois olhos mais escancarados que dois fornos, por onde podessem entrar juntamente muitas carradas de lenha, rasgae-lhe uma bocca que podesse engolir muitas duzias de bois com cornos pernas e cauda, depois pegae este monstro n'um corpo de leão de formas desmarcadas, e tendes isso que vêdes, a que chamam os homens lidos na historia ESPHINGE.

Era um deus, uma estatua santa lá d'elles, em que figuravam a força, a sabedoria e a prudencia : estas na cabeça humana, aquella no corpo de leão.

As outras duas gravuras ou *retratos*, como lhe chama o menino Filippe, são a cidade Cairo, capital do moderno Egypto e as ruinas d'um templo antigo. Mas isto pouco vos importa e a mim tambem não por agora, que me fico por aqui com a lição.

Chronica universal

ROMA

Peregrinos — O Calvorio de S. S. Leão XIII. — Leão XIII vive em suas obras. — Não obstante a critica acerrima que muitos fazem ás peregrinações, procurando desvirtual-as perante o povo, ellas continuam a ir a Roma com grande contentamento do Papa e dos fieis.

Merecem uma attenção especial a terceira peregrinação franceza dirigida pelo infatigavel Harmel, e a quarta dirigida pelo Arcebispo de Tolosa ; a de 200 peregrinos italianos á Terra Santa, dirigidos pelo Cardeal Arcebispo de Milão e assistidos no espiritual por Monsenhor Radini Todeschi ; a de mil ou mais pessoas da dio-